

Relatório de Estágio

José Nuno F. Marteleira



centro
de
documentação

RE(MD)

35

Índice

Faculdade de Arquitectura

Universidade Técnica de Lisboa

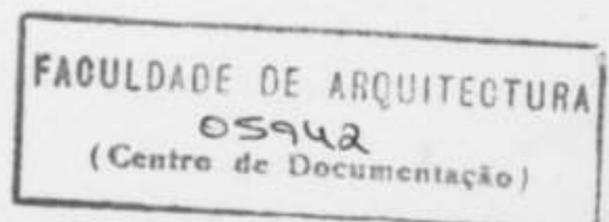
Relatório de Estágio-1998

Cap. I - Introdução

Cap. II - Projectos

Cap. III - Conclusão

José Nuno F. Marteleira



Índice

Sumário

Cap. I - Introdução

Cap. II - Projectos

Cap. III - Conclusão

numa segunda parte são apresentadas outras trabalhos em que colaborei, nome o concurso para as residências universitárias das Laranjeiras em Ponte Delegada, ou o edifício de habitação na Graça.

O trabalho desenvolvido no âmbito do gabinete onde estivei reflecte uma componente conceptual muito forte em que o processo de elaboração de arquitectura é a consequência da exploração de ideias, da exploração de soluções, da procura de respostas à medida pedagógica por um percurso mental que não se pode descrever como uma linguagem (mas como uma busca de soluções alternativas). É um processo que consiste, antes de tudo, numa opção consciente onde se procura ultrapassar meras ideias de inevitáveis e possíveis "linguagens", procurando caminhos de outro modo inabituais sendo que o percurso intuitivo constitui uma parte fundamental neste processo de fazer arquitectura. É exigido em este trabalho uma exploração conceptual que se enquadra num conjunto de ideias de um pensamento filosófico e científico contemporâneo.

Sumário

Enquanto jovem Arquitecto em busca de experiência profissional durante o meu período de estágio colaborei em vários trabalhos e com várias pessoas e assim procurei enriquecer a minha experiência. Se na primeira parte deste relatório se pode constatar um processo de conceptualização que segue uma linha de pensamento claramente definida e decifrável, numa segunda parte são apresentados outros trabalhos em que colaborei, como o concurso para as residências universitárias das Laranjeiras em Ponta Delgada, ou o edifício de habitação na Graça.

O trabalho desenvolvido no âmbito do gabinete onde estagiei reflete uma componente conceptual muito forte em que o processo de produção de arquitectura é a consequência da aglutinação de ideias, da exploração de soluções, da procura de respostas e na crença protagonizada por um percurso mental que não se pode descrever como uma linguagem (mas como uma busca de soluções alternativas). É um processo que consiste, antes de tudo, numa opção consciente onde se procura ultrapassar memórias de inevitáveis e possíveis "linguagens", procurando caminhos de outro modo inatingíveis sendo que o percurso intuitivo constitui uma parte fundamental neste processo de fazer arquitectura. É exigido em cada trabalho uma exploração conceptual que se enquadra num conjunto de ideias de um pensamento filosófico e científico contemporâneo.

Parte 1

Serralves - Habitação unifamiliar no Porto

S.Bartolomeu - Recuperação de antigo monte agrícola

Casa do guarda - Habitação

Machadinha - Habitação unifamiliar

Berlim - Concurso público para a elaboração do projecto para a embaixada de Portugal em

Berlim.

Parte 2

Graça - Edifício de habitação

Ponta Delgada - Concurso público para a elaboração do projecto para as residências

universitárias das Laranjeiras.

Satão - Concurso público de ideias para a elaboração do projecto do novo tribunal

...do que resulta a singularidade de um pensamento e ainda o significado de "arte".

Capítulo I

...o pensamento individual, faz pensar que o grau de "arquitetura" se situa fundamentalmente entre a forma "mais agradável" e a forma "mais útil".

Introdução ...uma situação de natureza moral. O "bem" mais agradável não é mais do que oferecer um momento agradável de lazer ao indivíduo. O que torna uma obra

O Arquitecto. Etimologicamente falando o *primeiro* (archi) *operário* (tekton). Aquele que dirige a construção. Até 1794 o "chefe dos construtores". Ano em que ofício e arte se desligaram e seguiram caminhos separados. Uns privilegiando o acto de construir, outros procurando ver um pouco mais para além do utilitarista buscando uma poética que a muitos passa despercebida no mundo em que vivemos. Uma poética que é própria à natureza humana e que é indissociável do construir. O paradigmático campo de actuação do arquitecto revela-se no estágio mais primário da necessidade humana de demarcar a sua presença no território. Construir o quê?

Tudo isto pode parecer um tanto ou quanto enigmático e perturbador numa sociedade produtiva que ainda considera a arquitectura um bem supérfluo fruto de delírio de uns quantos que vivem completamente alheados. O arquitecto, considerado pela nossa sociedade como meio artista, meio técnico bate-se pela identidade da sua ideia num mundo onde as ideias se transmitem através de linhas analógicas e fibras ópticas. Tudo o que não acelera a produtividade não é considerado e o acto de projectar torna-se cada vez mais como consequência de uma qualquer linha de montagem, produto de uma engrenagem, reflexo de uma superficialidade.

A sociedade em geral considera o arquitecto como mero operador de ferramentas de desenho esquecendo que no projecto está não só uma ideia, mas toda uma síntese da sociedade que por sinal se rege por padrões meramente mercantilistas cujo ideal assenta na colonização Domingueira do centro Comercial. O pensamento dominante continua a crer que o desenvolvimento se rege pelos quilómetros de auto-estradas que possibilitam um maior comércio de bens impostos pela devoção colectiva à sociedade de consumo que mais não

fazem do que desviar a singularidade de um pensamento e alterar o significado de "sensação".

Muitas das vezes, o pensamento imediatista, faz pensar que o gesto de "arquitectar" se encontra intimamente ligado a tornar "mais agradável" o território, à visualidade expressa que não assenta numa situação de controlo mental. O "tornar mais agradável" não é mais do que oferecer um momento supérfluo de imediatismo sensorial. O que torna uma obra arquitectura, seja ela um edifício, uma ponte ou uma habitação é essa tentativa de passar para além do sensorial. Acredito que a arquitectura acontece no momento em que o que é visível desaparece para dar lugar ao invisível.

De uma forma ou de outra, considero que o mais importante é sem dúvida o que não se vê. E só pensando assim se consegue captar esse momento. O que posso constatar de todo o trabalho que desenvolvi durante este estágio é que não existem barreiras do ponto de vista do pensamento da arquitectura. Nós próprios, enquanto Homens é que criamos essas barreiras com os nossos medos. O pensamento da arquitectura pode estar numa equação matemática na medida em que é geradora de geometrias fractais nunca antes imaginadas, ou na forma das fibras entrelaçadas de um cesto ou ainda na volumetria do corpo de um parafuso, que ao criar estruturas e espaços dificilmente percebidos ou até imaginariamente alcançáveis num esquema de organização mental baseado em regras Modernistas ou Vitruvianas, nos transporta para um mundo de novas ideias e formas.

O que acontece, é que vivemos, numa sociedade que já não controla todo o excesso de informação que tem ao seu dispor. A dimensão espaço-temporal já não é medida em unidades decimais mas em milissegundos que se transformam em incontáveis páginas de e-mail.

As pessoas continuam a fazer do acto de consumir um sinal de contentamento, realização e auto-estima, e só é valorizado socialmente quem "tem". O pensamento levado um pouco mais além do ordinário é desconsiderado e o que é bom é o que é feito para amanhã se possível que funcione e que não seja complicado.

A contemporaneidade é de difícil assimilação para a maioria das pessoas, presas nas suas teias onde a materialidade se sobrepõe ao homem, e onde se dá mais valor aos últimas teorias de "downsizing", e "marketing" e onde até nos achamos com poder para legislar sobre a vida. No fundo, quem "tem" controla quem não "tem" obedece.

A dimensão humana é esquecida e reina a artificialidade. Se por um lado temos ao nosso dispor enormes quantidades de informação por outro ignoramos a aplicação de tal de tal conhecimento. Vivemos embriagados com a T.V. cabo e com a Internet e aceitamos passar 4 horas por dia em filas de trânsito. O que diriam os caçadores-recoletores da savana Africana se pudessem estar entre nós e constatar que vivemos, desprovidos do contacto com a Natureza e que as nossas casas estão cheias de aparelhos que nos auxiliam em tarefas inúteis nunca antes imaginadas. Perdeu-se o sentido da marca enquanto gesto espontâneo. O tempo esvai-se em burocracias e os guerreiros transferem-se da savana para os locais de trabalho, degladiando-se sobre rankings de vendas. E quem assim não pensa não tem um lugar socialmente aceite. O Homem pensa dominar a Natureza criando condomínios fechados onde esquece momentaneamente o mundo em que vive e se teletransporta para a "casinha de chocolate da avó" longe do ritmo urbano. A estrutura construída ainda é encarada como puramente utilitária, meio para se atingir um fim e não fim em si própria.

A arquitectura vive desta contradição.

Somos o reflexo da inércia intelectual para que somos arrastados todos os dias pelos noticiários, que nos encharcam de notícias perfeitamente dispensáveis e só contribuem para a instalação do síndrome do "não saber". A enorme quantidade de informação de que dispomos não é digerida nem analisada. Não temos tempo de refletir sobre os factos que nos são apresentados e tomar decisões visto que existem sempre novos argumentos.

Já não existem ideologias, padrões ou regras e até as mudanças climáticas são reflexo da ambiguidade e do excesso de artificialidade da palavra "progresso". Somos alimentados por leite de ovelha clonada e as árvores já não florescem na Primavera.

Há oitenta anos o mundo parecia resolvido. Não havia doenças incuráveis, não se sentia os efeitos do buraco de ozono e o progresso era a chave mágica que guiava o futuro. Hoje a realidade é diferente. O mundo ainda é redondo mas a ciência e a tecnologia inventam novos problemas quando pensavam estar a resolvê-los. As bactérias tornam-se resistentes às vacinas e o primeiro mundo insiste em ignorar os problemas do resto do globo sem se aperceber que o mito do desenvolvimento há muito que não existe. Vivemos em hipnose colectiva com a informática e com as suas virtualidades, mas esquecemo-nos que uma fração do custo total do nosso "hardware" doméstico (que muitas vezes nem utilizamos) pagaria a educação e os cuidados de saúde de muitas crianças no terceiro mundo. É a constatação que os Índios Brasileiros nunca disseram que queriam ser "descobertos" e quando o foram, acabaram dizimados pelas doenças Europeias dos "descobridores".

No Portugal contemporâneo ainda assim continuamos a celebrar a "epopeia", só de um ponto de vista, não procurando imaginar o quão organizada e respeitadora de hierarquias e da espiritualidade do meio ambiente era a sociedade indígena, para quem o "progresso" veio alterar por completo uma maneira de viver e de sentir. Fazem-se exposições alusivas aos oceanos em que se constroem micro-ecossistemas que talvez já nem existam na realidade.

Os valores a que estavam habituados os nossos pais são substituídos por incertezas cada vez mais inquietantes. O cartão de crédito constitui uma séria ameaça ao orçamento das famílias e a conta telefónica do telemóvel passa a ser uma despesa fixa. Três quintos da população mundial é pobre e sobrevive com grandes dificuldades. As instituições outrora imunes a este processo são postas em causa. A família real Britânica cai em desgraça e nos EUA aumentam as candidatas a indemnizações por assédio do Presidente.

No meio urbano ao mesmo tempo que o automóvel passa de objecto indispensável a poluidor irresponsável não hesitamos em passar horas no ginásio mais próximo a pedalar numa bicicleta que não sai do mesmo sítio ao mesmo ritmo que todos os dias alguns países do médio Oriente produzem gás tóxico em quantidade suficiente para contaminar meio planeta. Neste momento ardem na Amazónia, hectares de floresta virgem que muito dificilmente será recuperada e milhões de automóveis carburam combustível inutilmente.

Esquecemo-nos que a energia é um fluxo e que a Natureza é qualquer coisa que não é adquirível no Hipermercado mais próximo.

Podemos pensar que a arquitectura nada tem a ver com isto, mas também podemos acreditar que ela funciona como base unificadora e reflexo destas questões. O "arquitectar" é um acto que nada tem a ver com leviandade ou com decorativismos mais ou menos exuberantes. O acto de projectar é o reflexo da ambiguidade em que vivemos, pouco conscientes de que se não houver a nível mundial vontade colectiva, caminhamos alegremente para o abismo.

Premissas outrora assentes de contexto, lugar e função são completamente indiferentes em cenários de vivência virtual. As emoções mais básicas são postas em causa com as simulações da realidade com as quais todos os dias somos confrontados. As telenovelas mostram-nos a vida dos outros, a Internet põe-nos "on-line" e até os espaços mais básicos do convívio humano se transformaram em ciber-cafés. O contexto passa a ser um dado cada vez mais ambíguo e o processo de concepção assenta na capacidade do micro-processador do computador. Proporção, escala e ritmo são excessos de zelo demasiados abstractos para serem controlados. A referência passa a ser a ideia de movimento de uma onda, o rastejar de uma centopeia, a forma de uma baleia ou o que se consegue filtrar do emaranhado de elementos de um micro-chip. A tecnologia cria a virtualidade e faz descobrir uma nova realidade. Deixa de haver uma ideia estável de conteúdo formal dando lugar a uma tênue fronteira entre "objecto" e "imagem de objecto". Aquilo que parece realmente é. Tudo o que reluz é ouro e tudo o que balança cai.

Os projectos apresentados são o culminar de um processo de trabalho onde o discurso se baseia na constatação de que tudo pode ser posto em causa, sempre. Quando deixamos de pôr em questão as actividades mais básicas do nosso dia-a-dia perdemos o esqueleto de referências da sociedade contemporânea. As experiências apresentadas refletem um desejo

que eleva a forma de qualquer "coisa" (entendido como imagem de movimento objecto, animal ou mineral) a potencial "produtor de rituais de arquitectura".

A arquitectura não se reduz a soluções construtivas ou a regras de proporção, e a esquemas de funcionamento. O processo de conceptualização, muito baseado nas possibilidades das novas ferramentas de desenho tridimensional são o reflexo de uma sociedade primeiro mundista inundada de possibilidades.

O ritmo das megalópoles faz com que o Homem se esqueça dos rituais mais simples do dia-a-dia. Cabe à arquitectura, questionar esses esquecimentos.



Capítulo II

Parte I

Porto - Habitação unifamiliar em Serralves.

Esta é uma casa para uma família de investigadores na rua de Serralves no Porto. Vem ocupar o espaço deixado vago por uma casa sem valor arquitectónico relevante.

É um projecto em que se busca uma identificação das personalidades dos proprietários com a forma que surge e que se torna um espaço para habitar. Os materiais exteriores são chapa metálica perfilada e reboco pigmentado. A chapa abraça a casa assim como a tecnologia invade hoje as nossas vidas. Há uma exigida reverência à tecnologia que se sobrepõe à alvenaria.

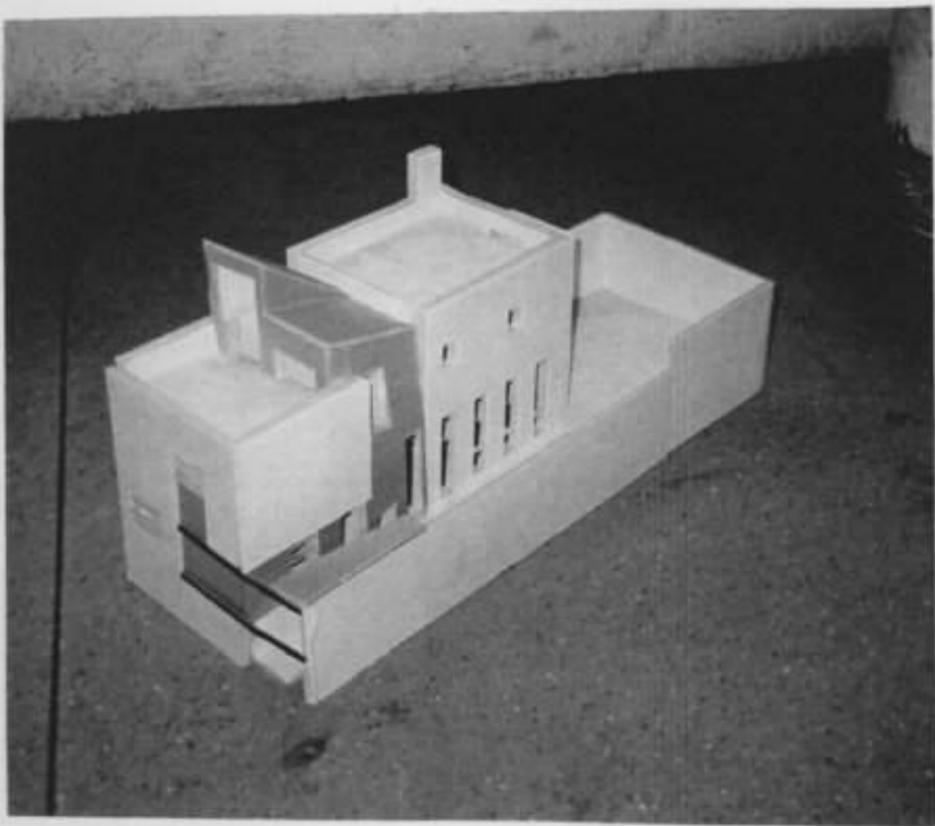
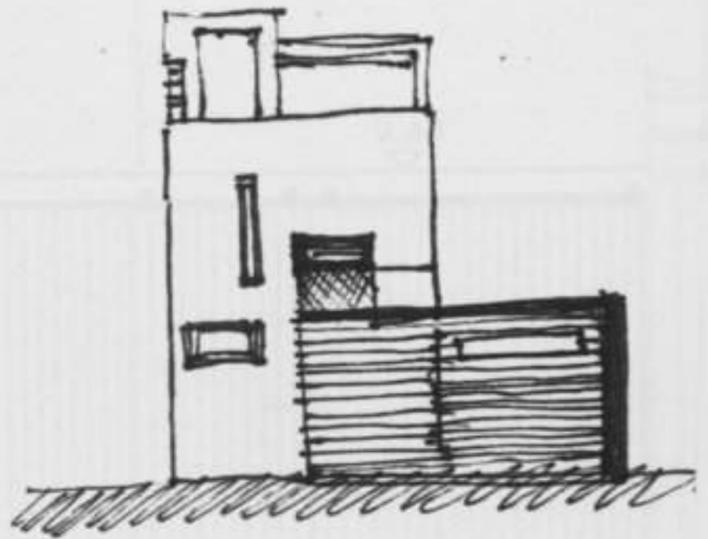
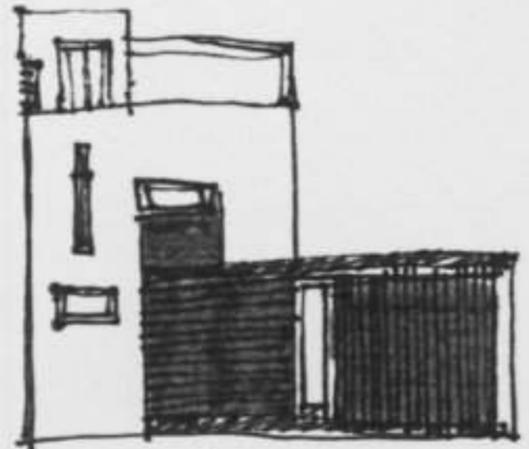
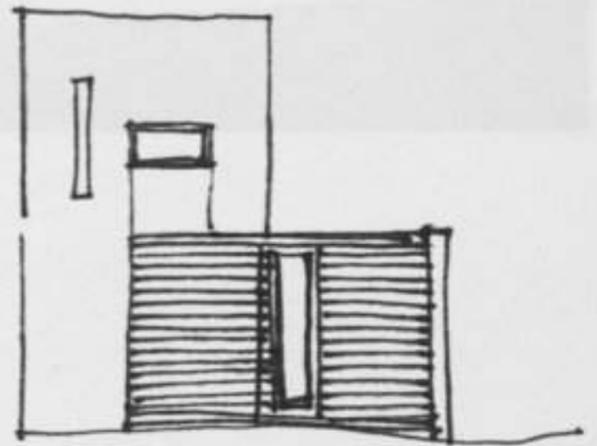
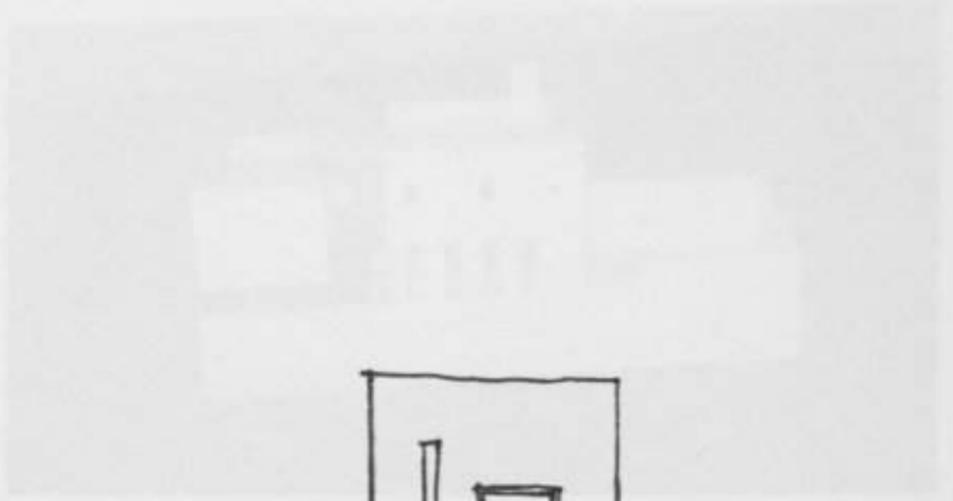
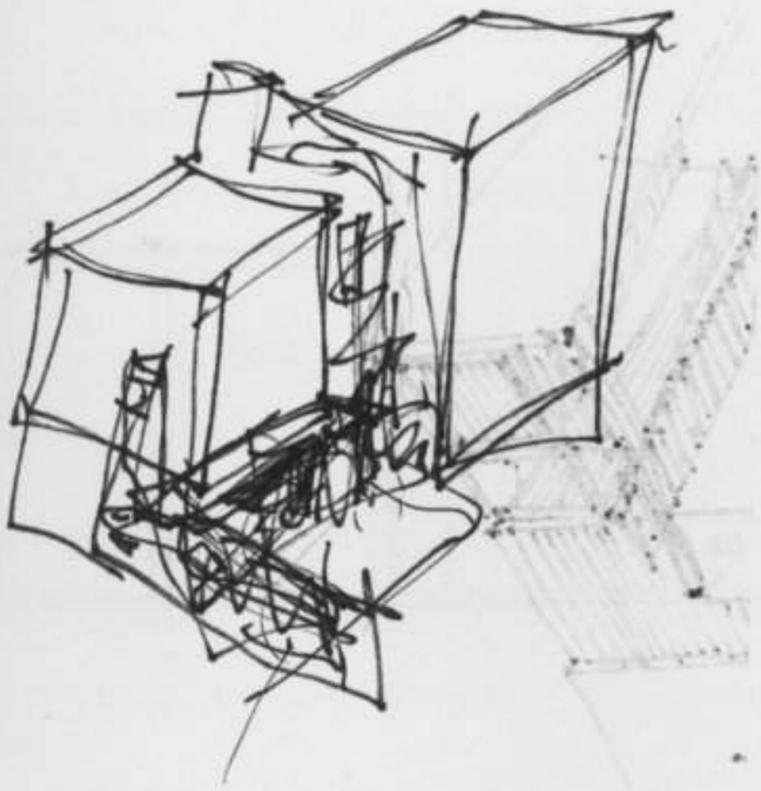
É uma casa de dois pisos para uma família de cinco pessoas. Monolítica na maneira de se confrontar com a rua, mas com um alçado onde se podem identificar todos os mecanismos. Os mecanismos das janelas, os mecanismos do portão, os mecanismos dos "brise-soleis". Esta atitude, se à primeira vista nos parece desconcertante por outro lado permite-nos um distanciamento de memórias que povoam o nosso imaginário e nos condicionam. A casa é o espelho das pessoas que lá vivem. Muito antes de despejarmos o baú de interpretações tantas vezes infundadas, a casa vale como reflexo de um tempo.

É uma casa simples na abordagem, onde a ideia principal resulta da confrontação de dois materiais. A parede de alvenaria e a chapa perfilada pintada que reveste a casa. É, na minha opinião, um gesto congelado, reflexo de uma experiência muito sensível à plasticidade dos materiais. A resposta a dar a um programa para um cliente privado pode ser inspirada na assimilação da vivência quotidiana e profissional das pessoas que vão habitar esse espaço.

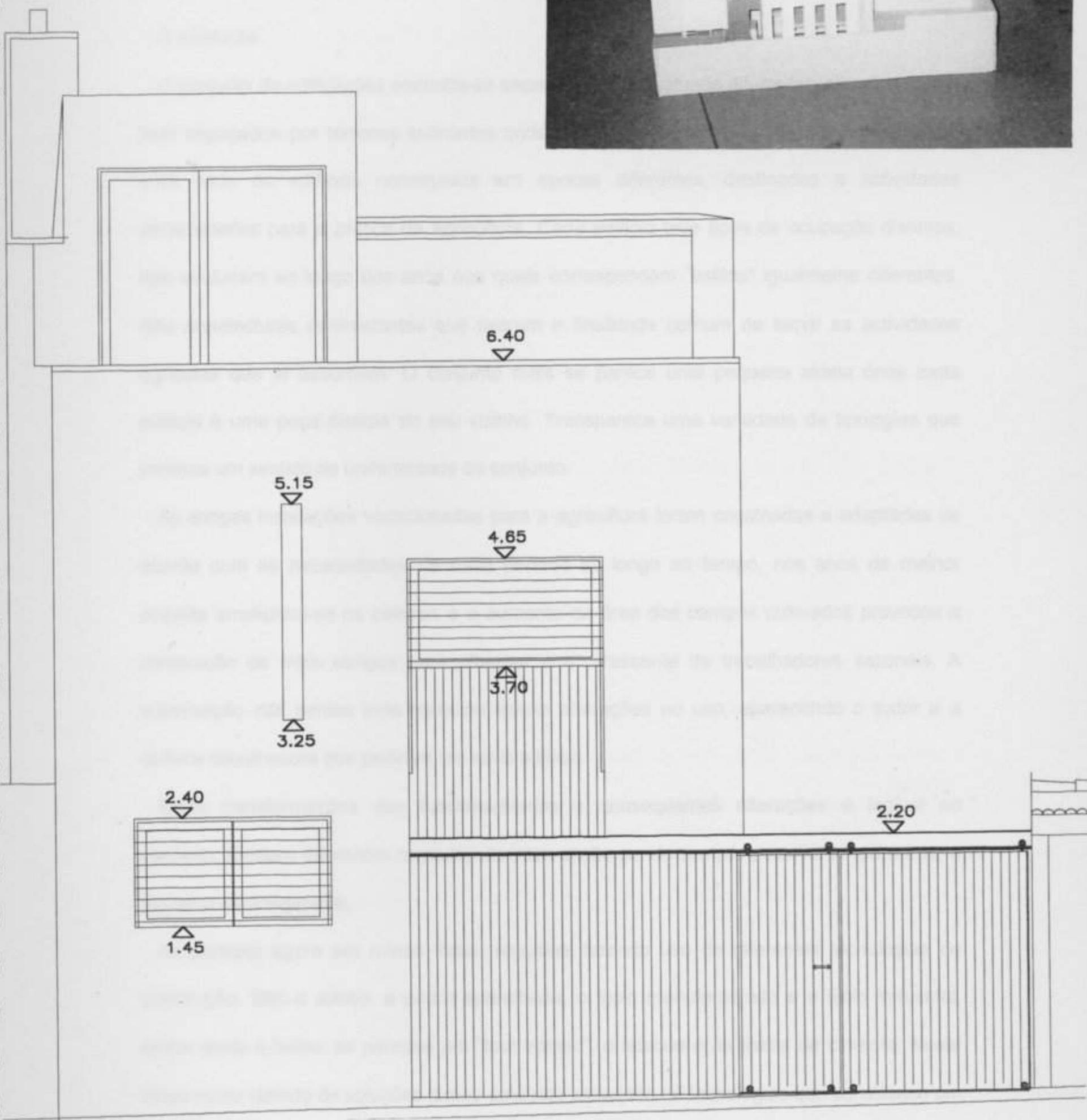
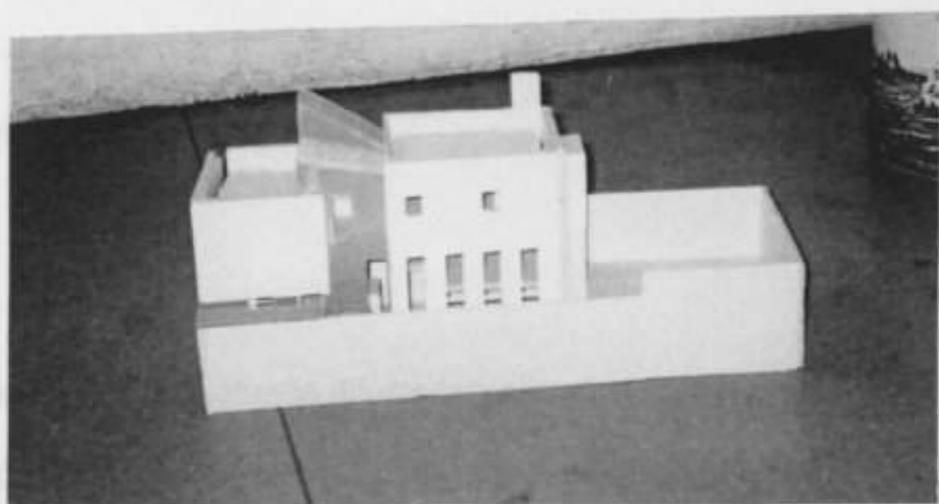
Os clientes são dois investigadores, envolvidos com o avanço e desenvolvimento do conhecimento contemporâneo. É uma casa para dois exploradores do mundo das ideias.



Casa na rua de Serralves - perspectivas



Casa na rua de Serralves - apontamentos



Casa na rua de Serralves - alçado principal

S. Bartolomeu - recuperação de um antigo monte agrícola

O existente.

O conjunto de edificações encontra-se separado em três grupos diferentes, situados lado a lado espaçados por terrenos sobrantes onde não é praticada actividade agrícola. Existem uma série de edificios construídos em épocas diferentes, destinados a actividades vocacionadas para a prática da agricultura. Cada edificio teve tipos de ocupação distintos, que evoluíram ao longo dos anos aos quais correspondem "estilos" igualmente diferentes. São arquitecturas contrastantes que tiveram a finalidade comum de servir as actividades agrícolas que aí decorriam. O conjunto mais se parece uma pequena aldeia onde cada edificio é uma peça distinta do seu vizinho. Transparece uma variedade de tipologias que provoca um sentido de uniformidade de conjunto.

As antigas instalações vocacionadas para a agricultura foram construídas e adaptadas de acordo com as necessidades de cada período ao longo do tempo, nos anos de melhor colheita ampliaram-se os celeiros e o aumento da área dos campos cultivados provocou a construção de mais abrigos para albergar o nº crescente de trabalhadores sazonais. A substituição das gentes pela máquina trouxe alterações no uso, aparecendo o trator e a ceifeira debulhadora que pediram um novo edificio.

Estas transformações dos funcionamentos e consequentes alterações é legível no conjunto. Existem diferentes camadas de intervenção sendo sempre possível ler para trás, o passado é transparente.

As paredes agora em ruínas foram erguidas fazendo uso de diferentes tecnologias de construção. São o adobe, a pedra aparelhada, o tijolo manufacturado e o tijolo industrial. Existe ainda o betão, as paredes em "tout venant", o tabique e os tijolos de cimento. Neste leque muito variado de soluções temos uma rica variedade de tecnologias que constituem um informativo objecto de estudo sobre técnicas e materiais construtivos.

O que devemos fazer a estas e tantas outras antigas instalações destinadas a usos agrícolas hoje em desuso devido às imposições de produção mínima que estão longe das capacidades do clima de Castro Marim?

Os proprietários não são agricultores como foram os seus antepassados, são antes pessoas ligadas à cultura. São intelectuais que querem promover uma série de actividades culturais na Fazenda e que desejam criar um espaço para que mais possa acontecer.

Pretende-se um espaço de cultura que visa apoiar as manifestações culturais de uma comunidade e prestar um serviço ao turismo, promovendo a gastronomia local do atum, encontros de dança, criando um local para a feira anual do gado.

Definiu-se para o projecto quatro zonas principais. O espaço multiusos, a zona de exposição, espaços para atelier, habitação e bar.

O lagar, a garagem e a praça são espaços claramente vocacionados para uma ocupação de maior nº de gente. Chamamos a este espaço o espaço multi-usos que em conjunto com a praça comum sugerem uma área de grande capacidade funcional.

O antigo celeiro, o curral murado adjacente e o armazém são edifícios virados para dentro onde estão criadas as melhores condições para uma zona de exposição.

A terceira zona é definida pelo conjunto do casario de vocação habitacional. Nestes módulos existem antigas infraestruturas (como as cozinhas) que devem ser preservados. A estrutura espacial destas construções sugere destinar estes espaços para ateliers. O antigo edifício do ovil, pelas características espaciais da sua arquitectura é o lugar indicado para promover a gastronomia local.

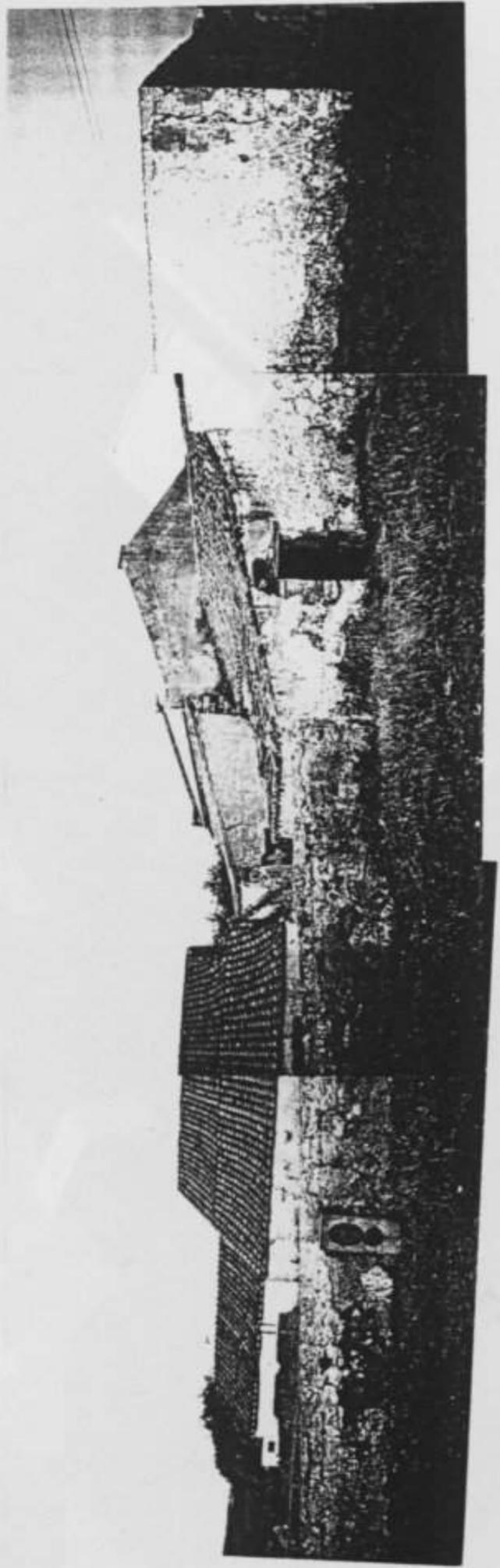
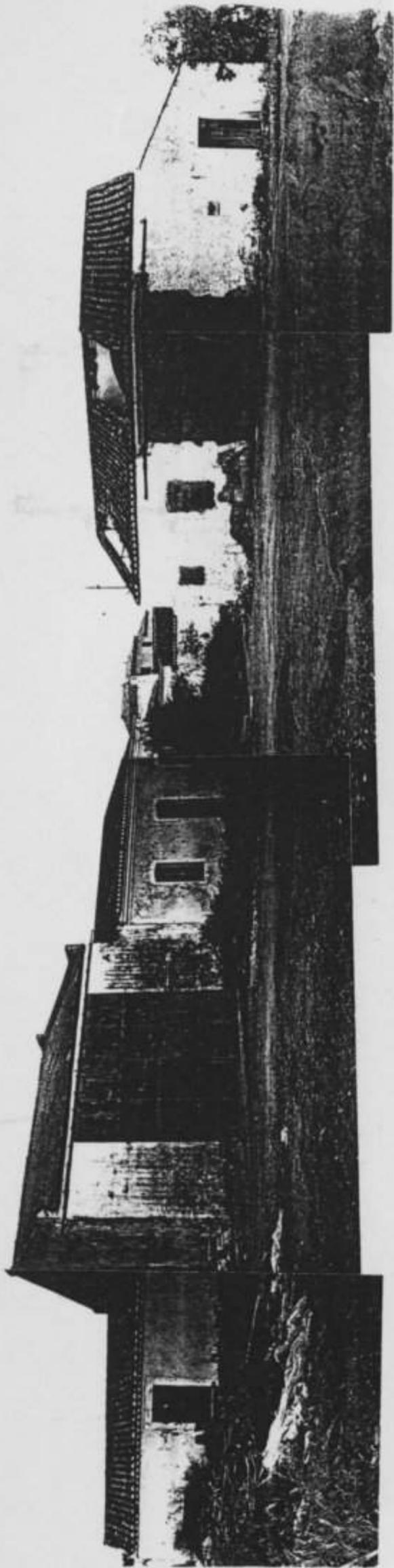
O projecto tem como base respeitar uma ideia de transparência havendo a possibilidade de ler para trás no tempo. Nas construções existentes são propostos dois núcleos de intervenção com a criação de um pátio e instalações sanitárias.

O pátio consiste numa subtracção no lado ocidental dos edifícios destinados à habitação esta intervenção visa prolongar o pátio existente. O pavimento do pátio é como que a

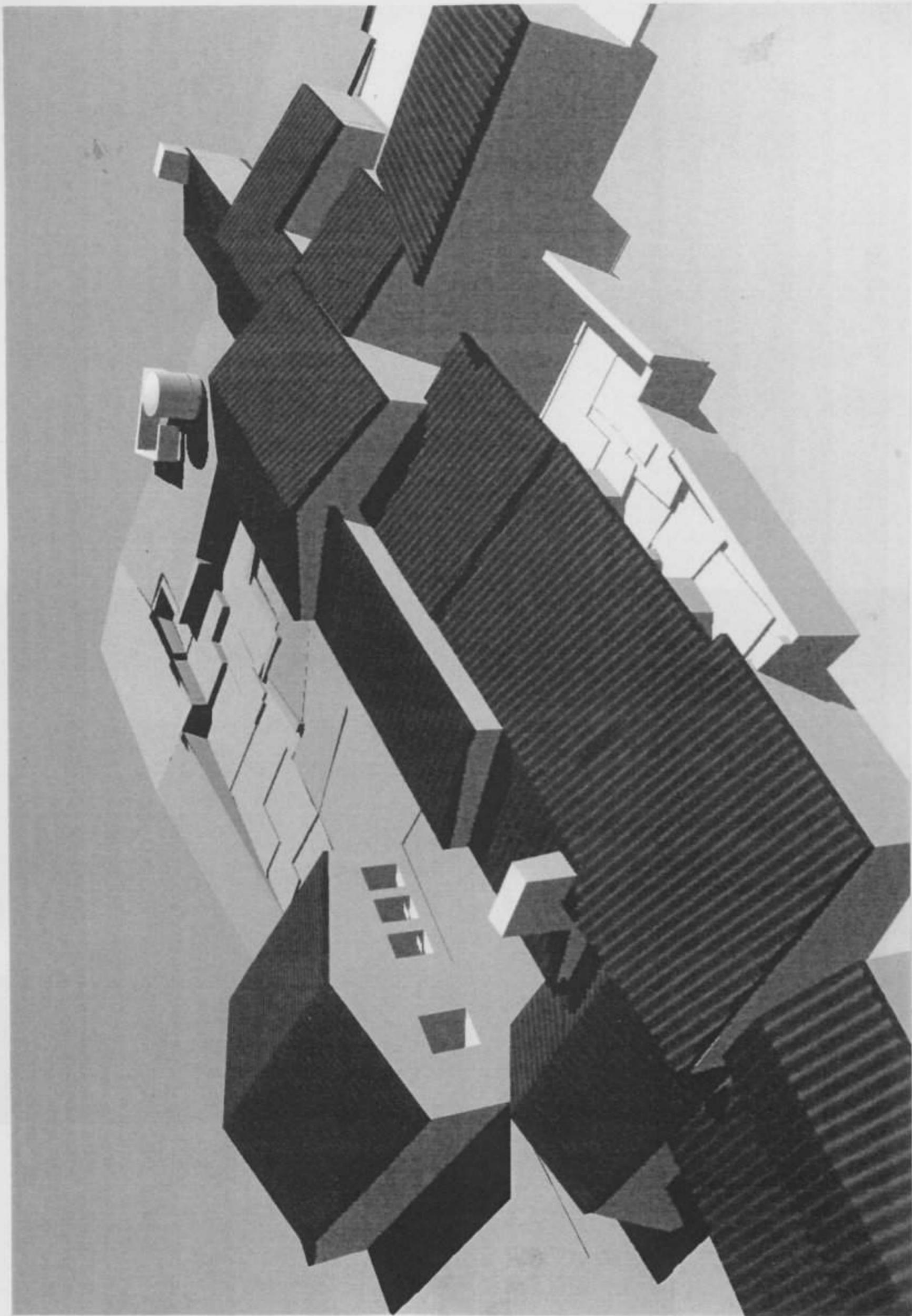
transposição da forma da planta do conjunto para o exterior. Cada lage que o constitui é o reflexo da planta de um elemento já existente com a devida cota relativa às outras lages. Este espaço fica assim a pertencer a dois mundos. Ao mundo físico, enquanto possuidor de forma e massa, e ao mundo virtualmente inteligível através da digitalização em computador das diversas posições relativas das plantas e respectivas cotas de soleira trazendo uma ideia de espaço que já existia mas que se encontrava dissimulada. A apropriação das imagens passa a ser um modo de fazer aparecer novas lógicas. O imediatismo que faz parte da nossa vivência é algo indissociável dos requisitos desta intervenção

A intervenção pretende contribuir para a evolução do lugar, tirando partido de uma iniciativa de índole cultural que se afigura única no contexto local.

Centro Cultural do Castro. Melhor perspectiva de conjunto existente



Centro Cultural de Castro Marim-perspectiva do conjunto
existente

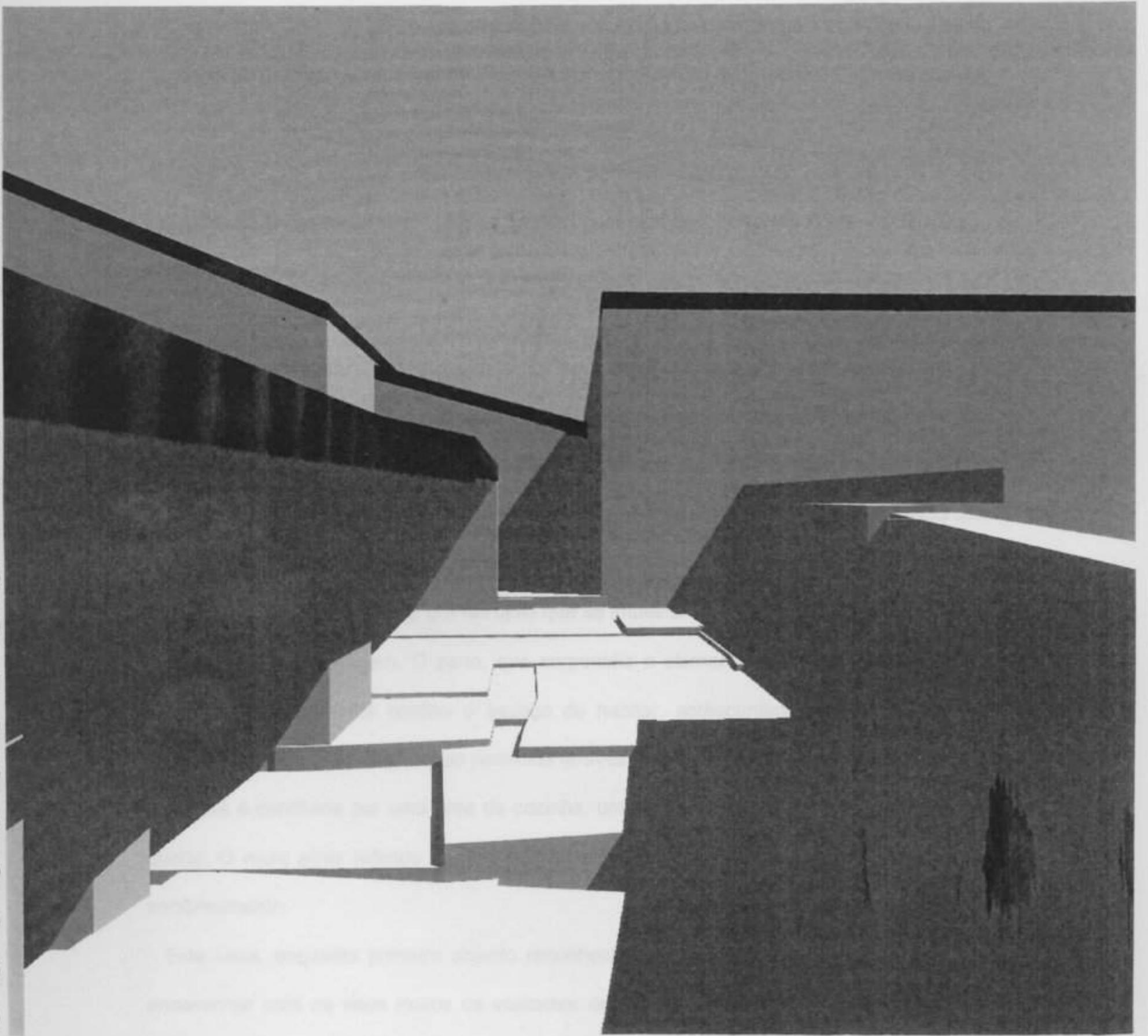


Centro Cultural de Castro Marim-perspectiva de conjunto
proposta



Centro Cultural de Castro Marim-perspectiva de conjunto

proposta



Centro Cultural de Castro Marim-pormenor

proposta

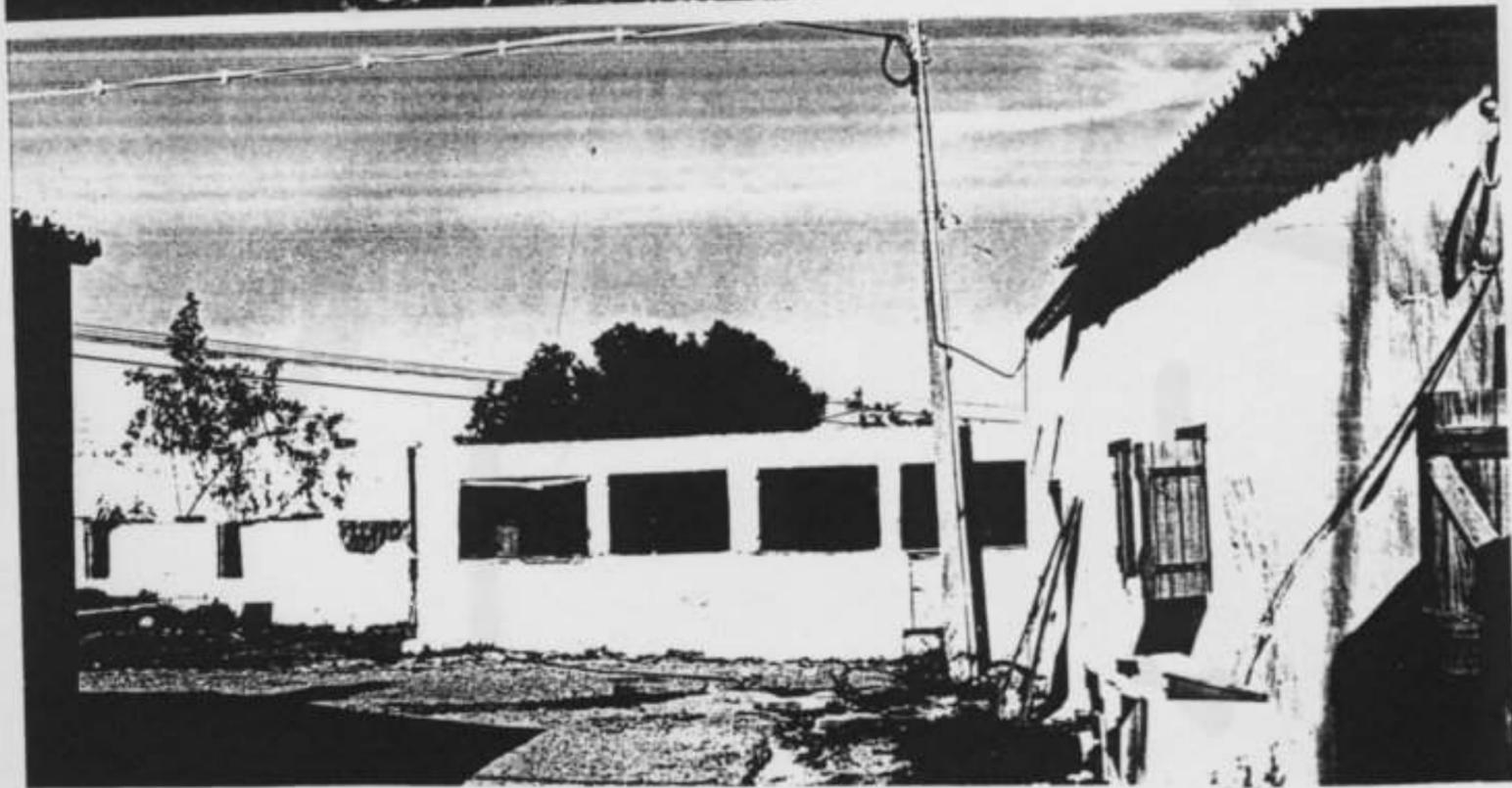
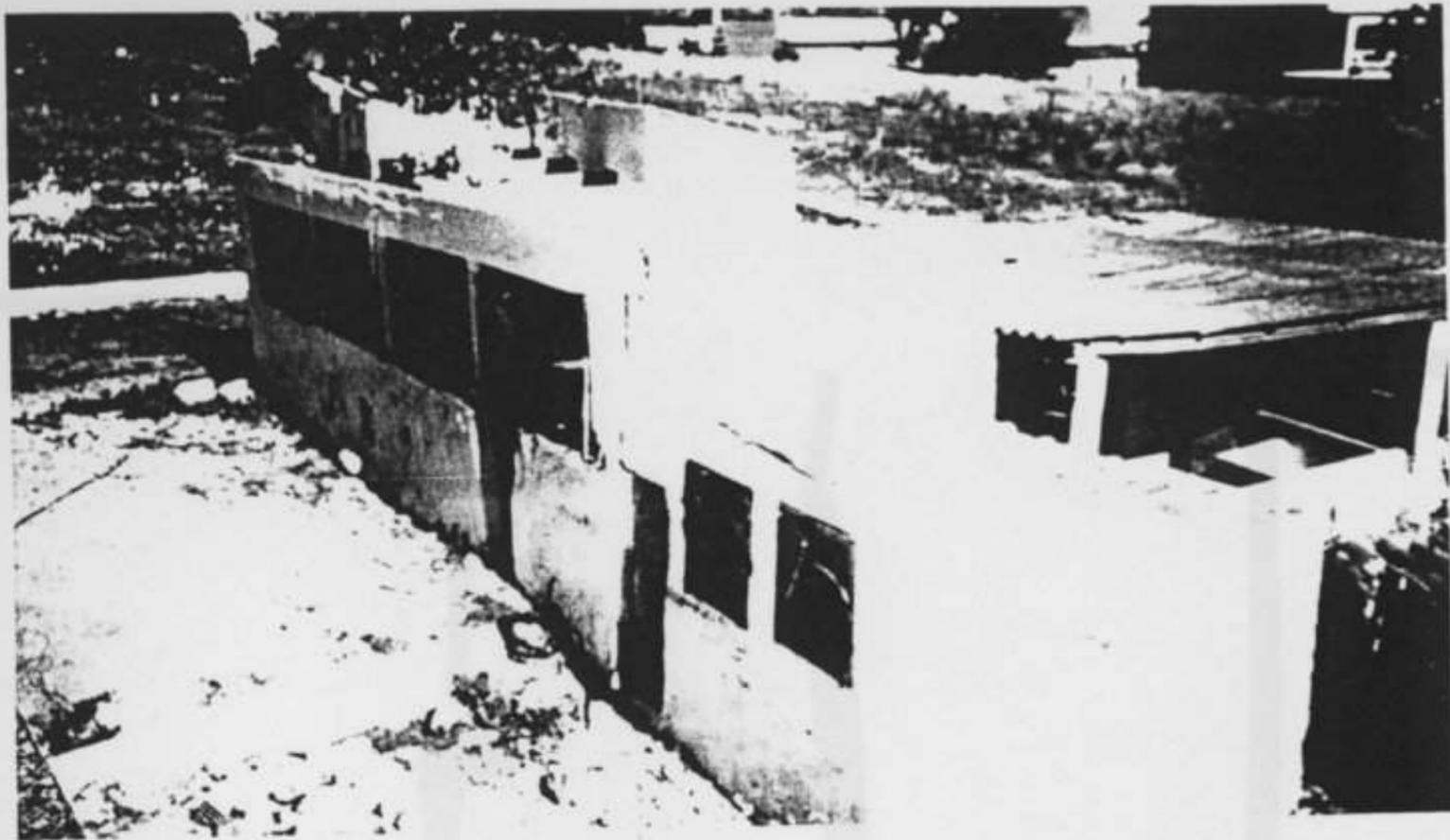
Casa do Guarda - habitação

O terreno no qual nos propomos intervir está situado no lado nascente da casa principal da Fazenda de S. Bartolomeu. Existem aí hoje construções muito degradadas. É um terreno que apresenta algum declive e que pontua uma das entradas de quem chega à fazenda desde a estrada. A norte existem umas construções agrícolas de carácter efémero que foram utilizados para fins pecuários e que se fundem com o declive do terreno onde há um antigo pomar que inclui algumas árvores.

A proposta apresentada é constituída por uma casa, formada por um volume único que prevê a ocupação pelo guarda da propriedade. A implantação da casa acompanha as curvas de nível do terreno e molda-se ao perfil topográfico, ocupando o antigo lote de algumas construções afectas a usos agrícolas. A casa surge de dois elementos. Um pano, macio com uma textura volátil e com propriedades ductéis que envolve o invólucro da casa, de aspecto robusto e sólido como que um grande tijolo que se implanta de uma forma afirmativa e passa a fazer parte da paisagem. O pano, que serpenteia o elemento rígido transforma-se num muro que arditosamente confina o espaço de habitar, acrescentando-lhe elementos que criam espaços de uma dinâmica só permitida através deste processo.

A casa é contituida por uma área de cozinha, uma área de sala e um mezanino que é o quarto. O muro atrás referido tranforma-se numa viga frontal à casa que é utilizado como sombreamento.

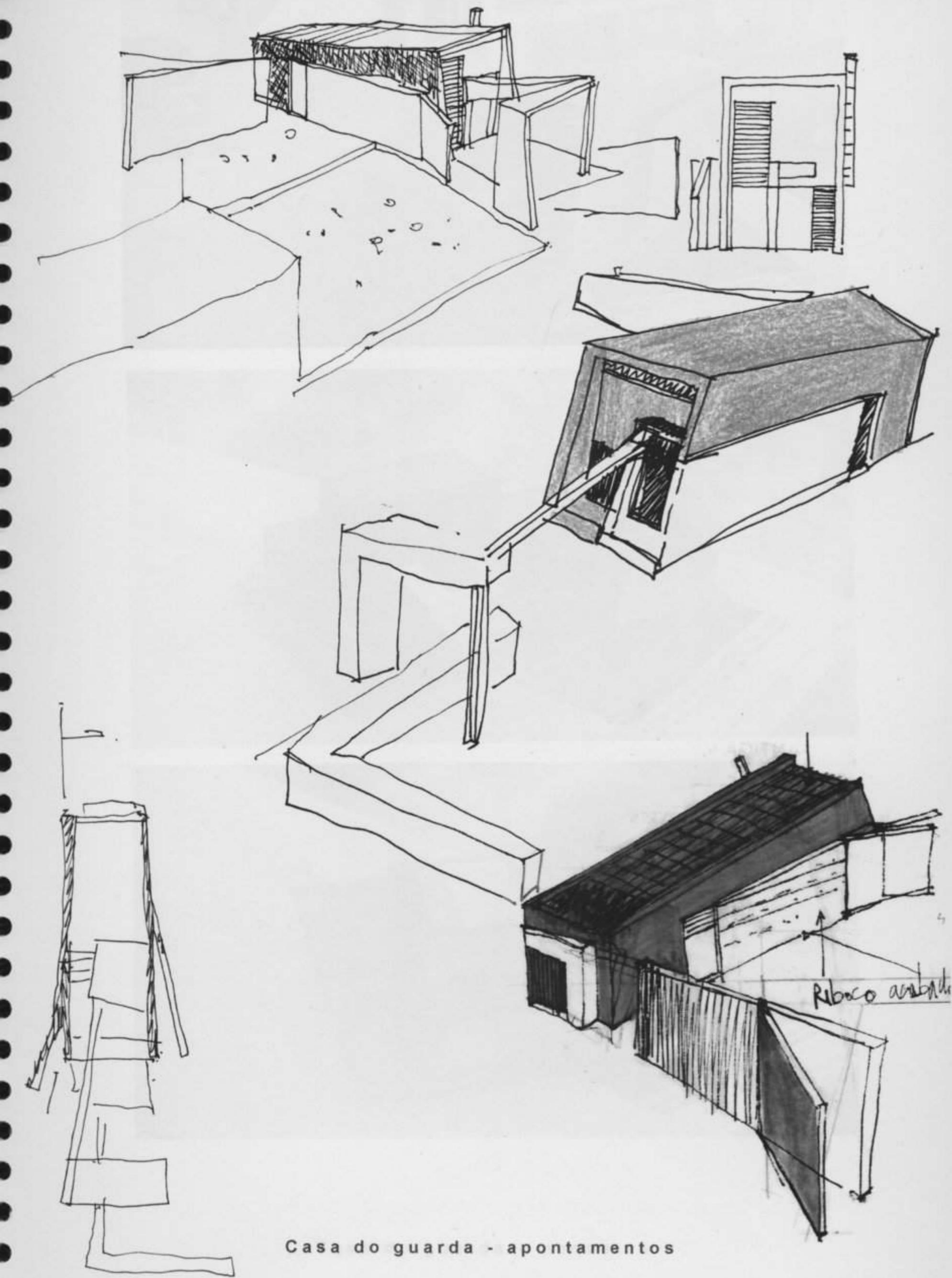
Esta casa, enquanto primeiro objecto reconhecível de quem chega à fazenda pretende encaminhar com os seus muros os visitantes de modo a criar uma tensão subjacente à entrada num espaço distinto do espaço público. É um dos momentos em que um pano e um tijolo sugerem espacialidades num mundo onde o contexto nada tem a ver com possíveis relações de mimetismo. Por que é que aqui nos surge um tijolo? Por que é que existem ditaduras? Por que é que os Homens se matam uns aos outros?



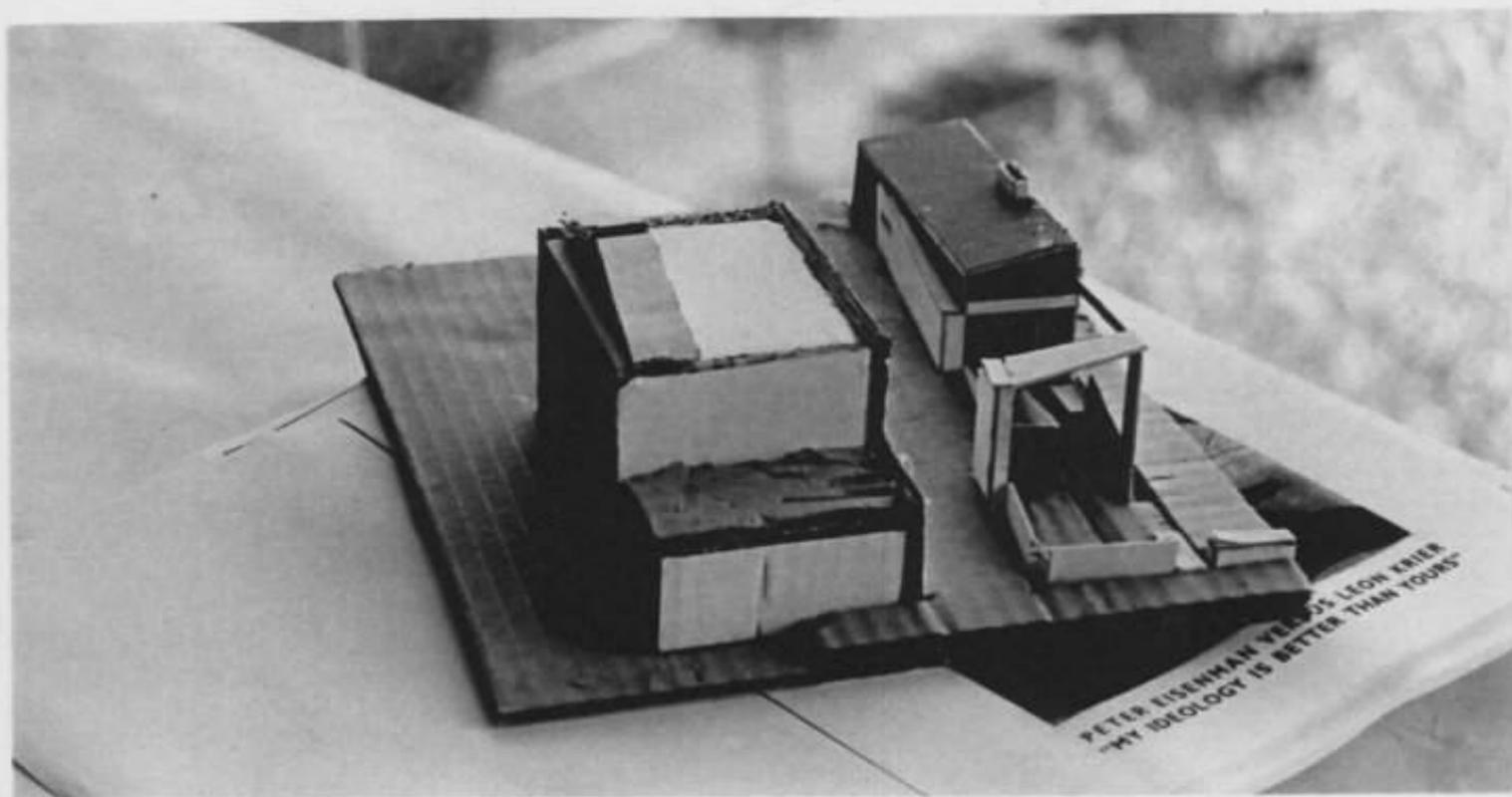
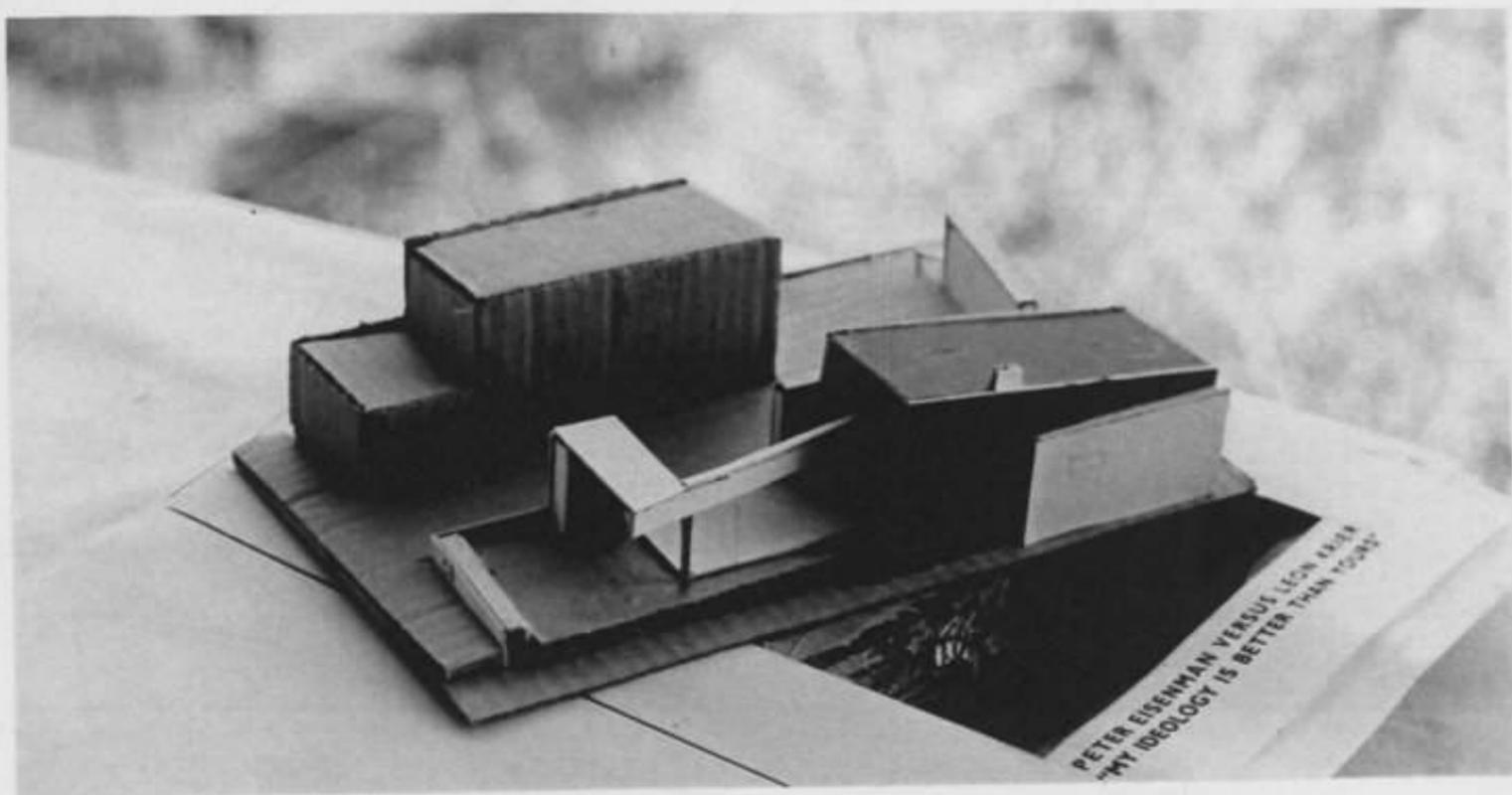
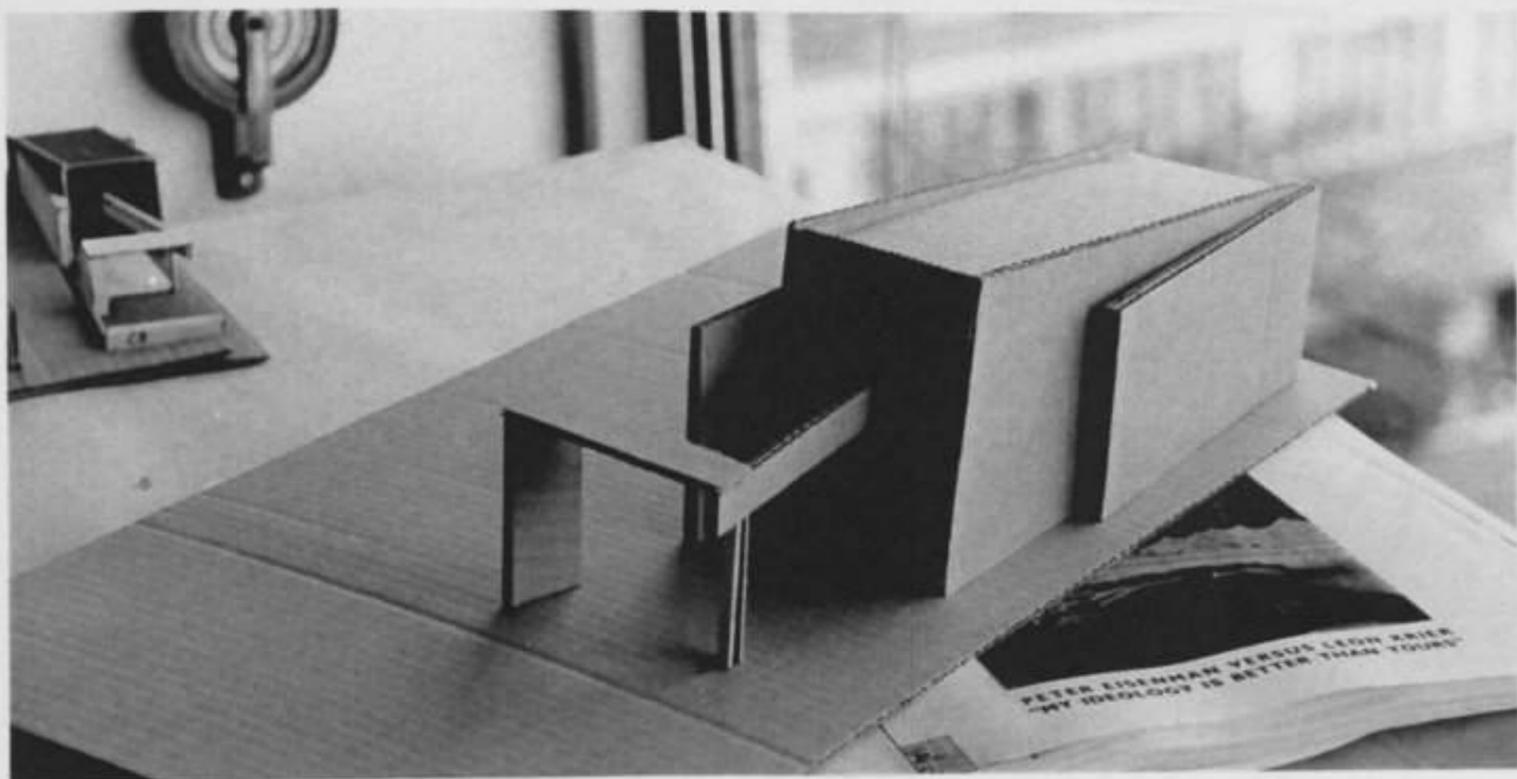
Casa do guarda - perspectivas do existente



Casa do guarda - apontamentos

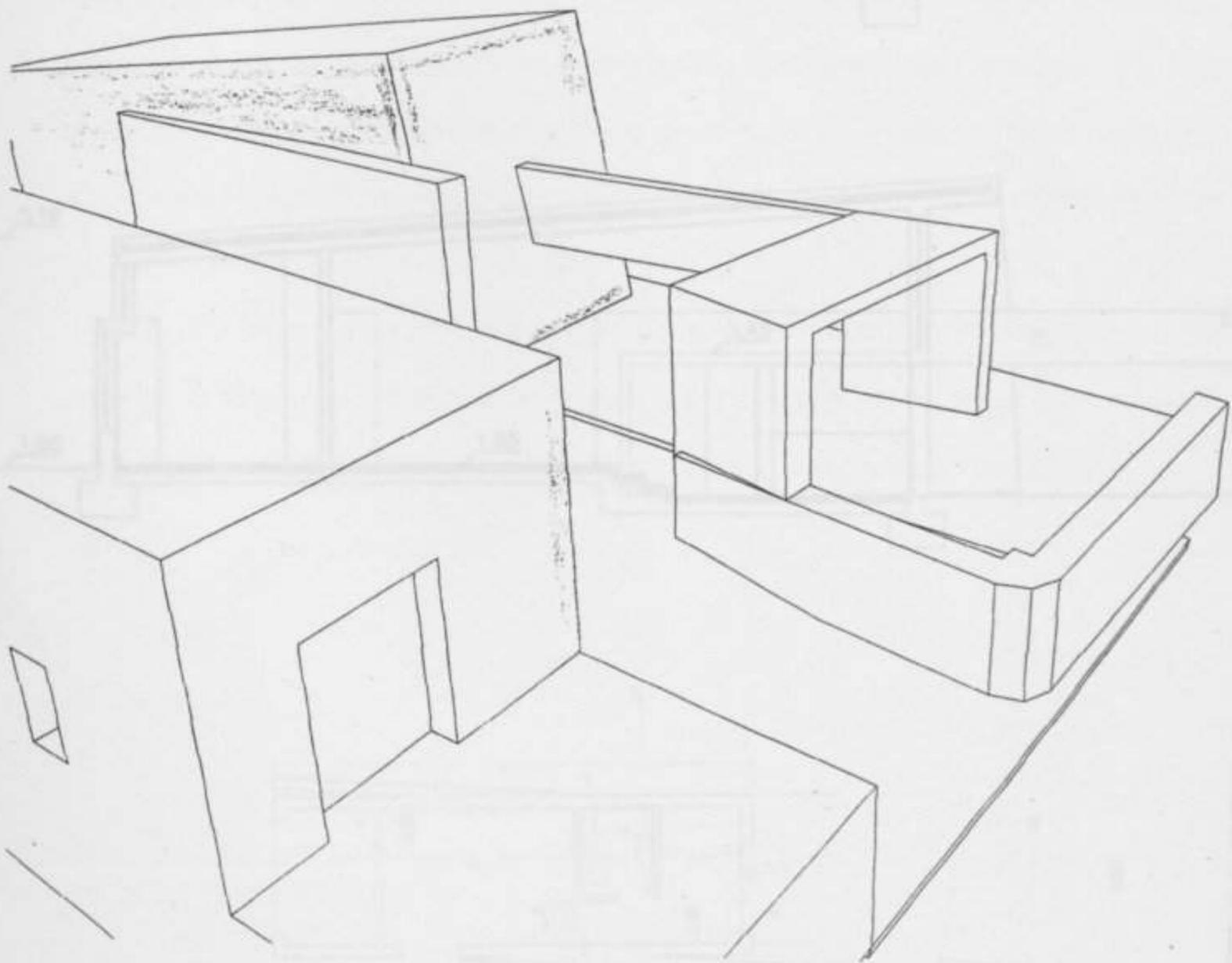
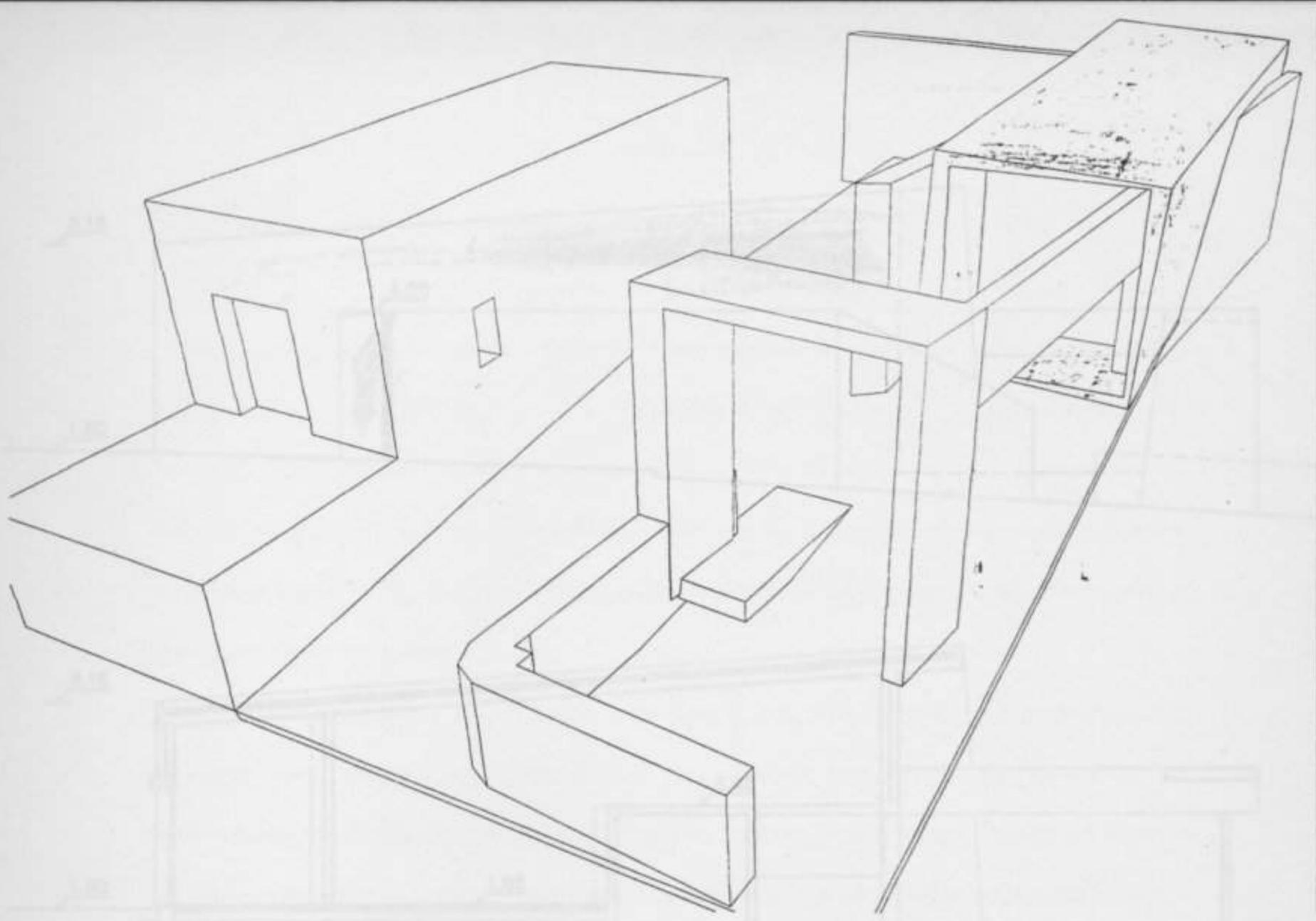


Casa do guarda - apontamentos



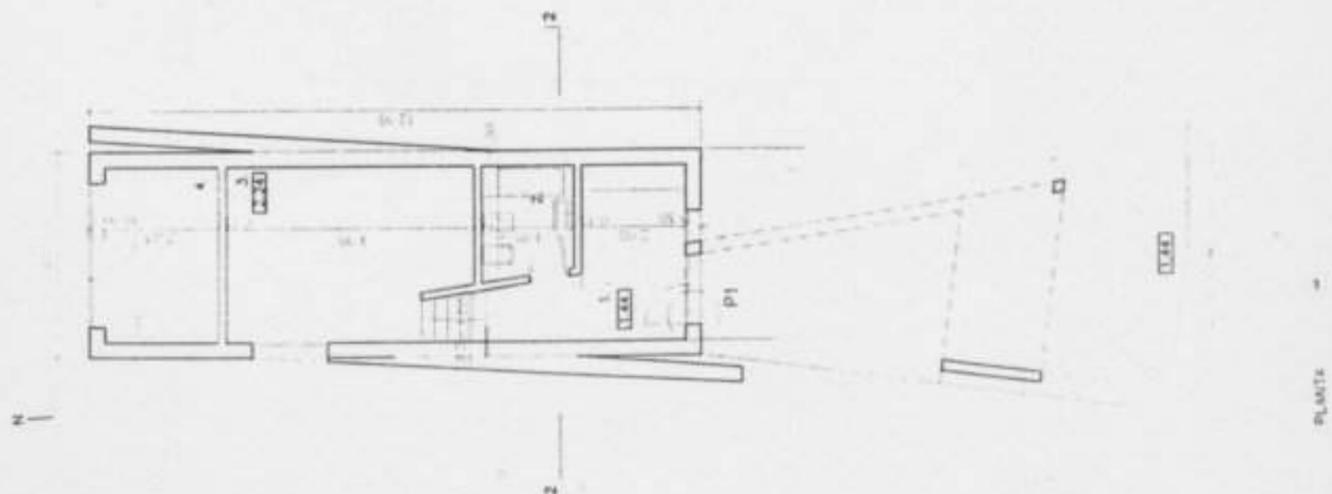
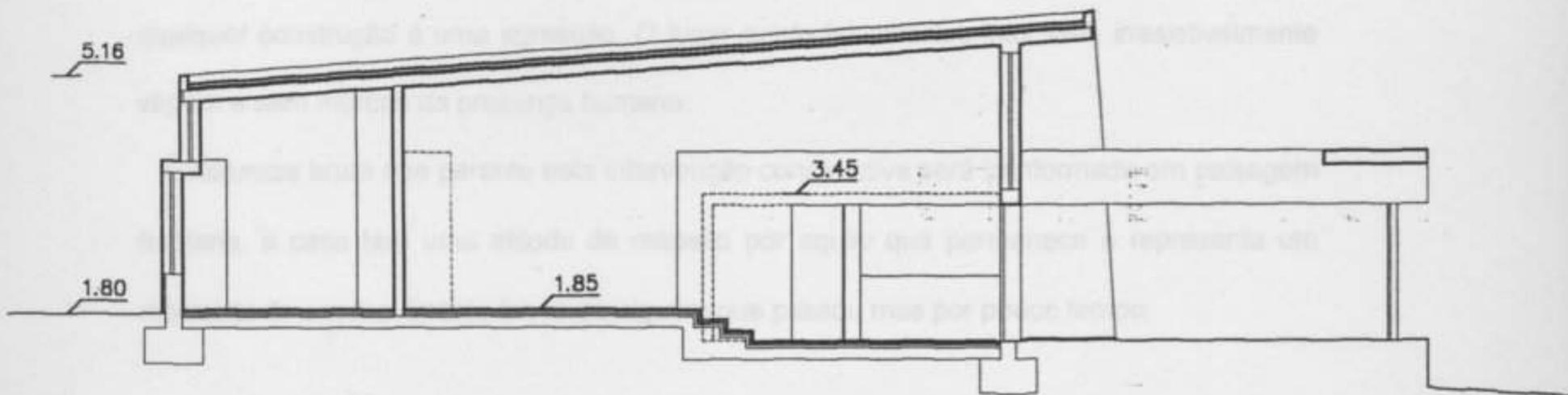
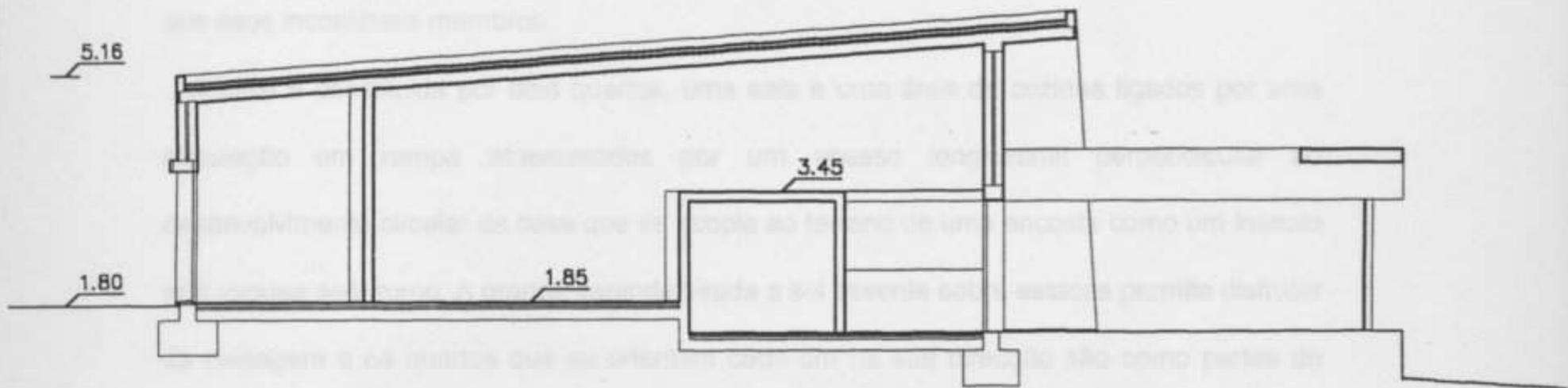
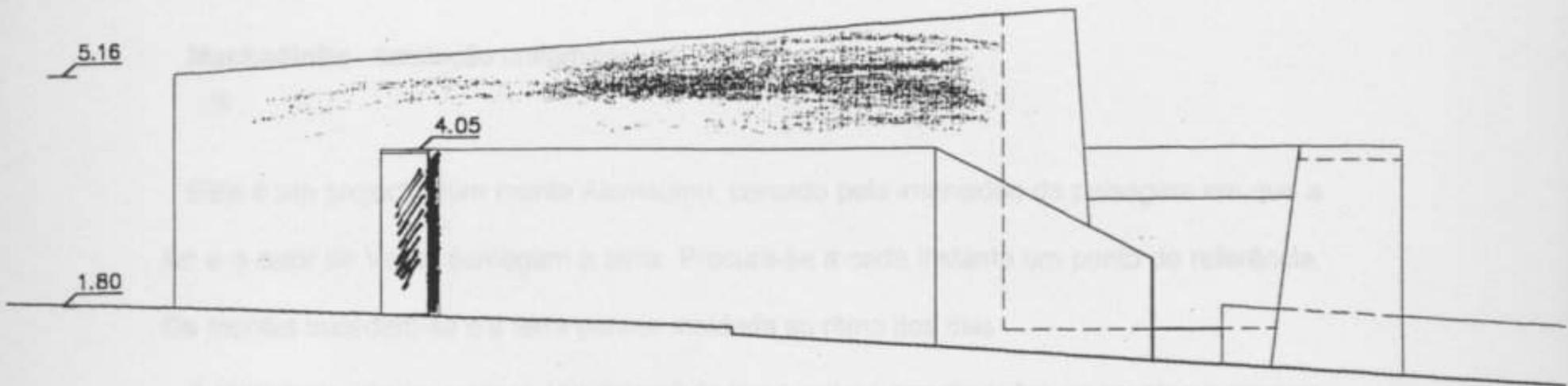
Casa do guarda - perspectivas

Casa do guarda - maquetes



Casa do guarda - perspectivas

Casa do guarda - planta, cortes e alçados



Casa do guarda - planta, cortes e alçados

Machadinha - habitação unifamiliar

Este é um projecto num monte Alentejano, cercado pela imensidão da paisagem em que a luz e o calor de Verão esmagam a terra. Procura-se a cada instante um ponto de referência. Os montes sucedem-se e a terra parece moldada ao ritmo dos dias.

A ideia surge de um animal. Um animal da terra que se arrasta sobre os montes e procura reconhecer o seu território. É um animal, assim como uma centopeia que se arrasta a si e aos seus incontáveis membros.

A casa é constituída por dois quartos, uma sala e uma área de cozinha ligados por uma circulação em rampa atravessados por um acesso longitudinal perpendicular ao desenvolvimento circular da casa que se acopla ao terreno de uma encosta como um insecto que vagueia sem rumo. A grande varanda virada a sul assente sobre estacas permite disfrutar da paisagem e os quartos que se orientam cada um na sua direcção são como partes do corpo do animal que se contorcem ritmadamente. É um movimento com tudo o que isso tem de efémero e temporário porque a natureza neste lugar é tão forte e determinante que qualquer construção é uma agressão. O lugar existe há milénios intocável, irresistivelmente virgem e sem marcas da presença humana.

É natureza bruta que perante esta intervenção constructiva será transformada em paisagem humana. a casa tem uma atitude de respeito por aquilo que permanece e representa um momento de um movimento breve de alguém que passou mas por pouco tempo.

Machadinha - machadinha

Brasil - Concurso público para a elaboração do projeto da nova embaixada de Portugal

Este concurso foi realizado em 1964 e teve como vencedor o arquiteto português Aires

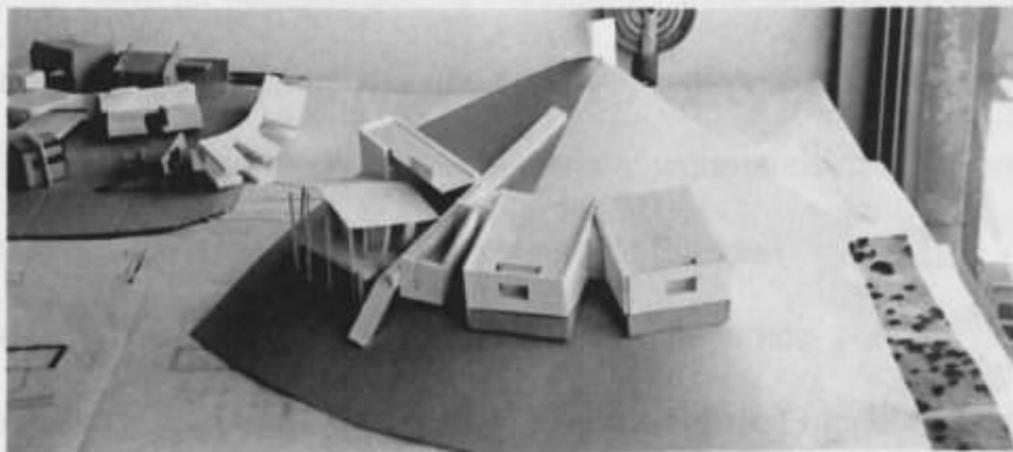
de Sá

com o projeto

denominado

de "Casa

de Sá"



O local da nova embaixada situa-se no antigo bairro diplomático, por muitos considerado

como a última manifestação da permanência urbana em terras. Esta área, marcada pela

subdivisão das terras em lotes de 100 metros quadrados, foi adquirida em 1964 pelo

governo brasileiro em parceria com o Estado de São Paulo, para a construção de uma

embaixada

A obra de

construção

A obra de

construção



construção que gradualmente vai sendo desenvolvida o "modus vivendi" de um bairro de

alto padrão.

Figuras de destaque arquitetônico de um novo tipo surgem na obra em relação ao que se

espera. Não se trata de um tipo que se pretende não tem a ver com memórias de regras,

mas com soluções progressivamente inovadoras. Antes estava-se em contato de uma tradição

de um programa funcional. **Machadinha-maquete** neste período. Também

desenvolve um método de exploração de novas possibilidades que exigem tempo e

força humana de organizar um programa. Os aspectos relevantes na análise de

organização de novo tipo. Uma questão discutida e discutida sugere uma abordagem de

novos

Berlim - Concurso público para a elaboração do projecto da nova embaixada de Portugal

Este concurso, parte da necessidade de Portugal ter uma embaixada em Berlim, fruto da nova organização política na Alemanha que pode ser considerada como o motor económico Europeu. As mudanças a introduzir nos sistemas monetários das diversas economias Europeias fazem da Alemanha e de Berlim o centro da Europa.

Esta cidade, que rejuvenesce depois de 40 anos separada por um muro, ganha um protagonismo que não pode ser comparado a nenhuma cidade Europeia da actualidade.

O local da nova embaixada situa-se no antigo bairro diplomático, por muitos considerado como a ultima possibilidade de planeamento urbano em Berlim. Este bairro, marcado pela austeridade das novas embaixadas da Itália e do Japão reorganiza-se lentamente a par das tranformações em Potsdamer Platz. Ao mesmo tempo, perto da porta de Brandemburgo constrói-se a nova embaixada da França.

A ideia deste projecto é exactamente pegar no conceito de um objecto marcadamente indispensável ao nosso dia-a-dia.

A partir desse objecto, o micro-chip, tenta-se relacionar a organização espacial da embaixada com os circuitos que podem ser encontrados nessa pequena peça de tecnologia informática que aparentemente continua a revolucionar o "modus vivendi" do ser Humano nos últimos dez anos.

Pegando numa imagem digitalizada de um micro-chip tenta-se descobrir as relações que aí se operam. Pode afirmar-se que o que se pretende não tem a ver com memórias de regras, nem com situações previamente estudadas. Antes explora-se um conceito de uma imagem e de um programa funcional e a partir daí descobrem-se lógicas nunca pensadas. Tenta-se desenvolver um método de exploração de novas espacialidades que sugerem formas e ritmos coerentes de organizar um programa. Os alçados revelam-se na análise da organização do micro-chip. Este método desmonta o conceito sugerindo uma infinidade de soluções.

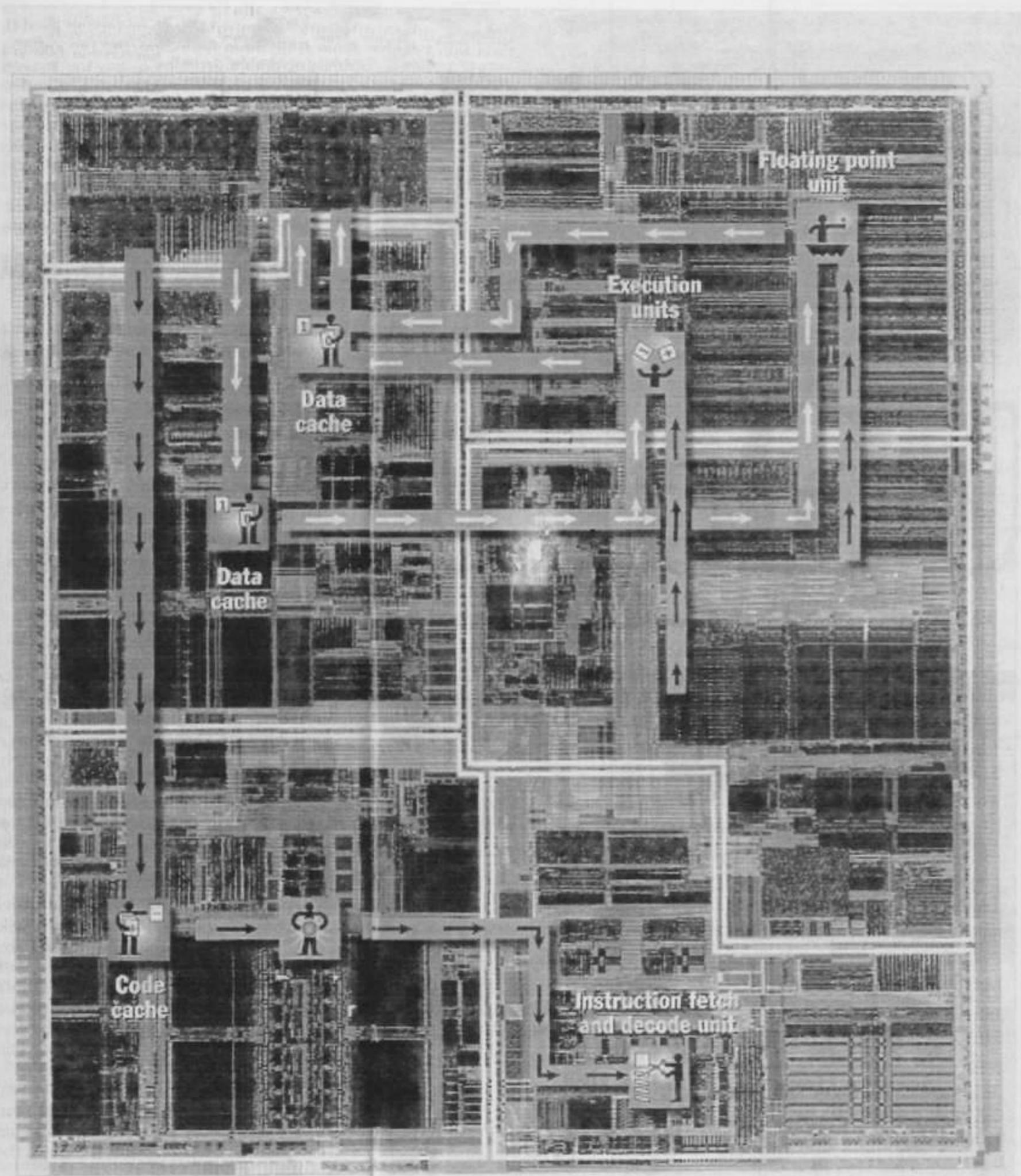
A intenção principal com este tipo de abordagem é a busca de uma ideia que oriente todo o projecto de modo que a imaginação não esteja presa a memórias de imagens de projectos "anteriores". Deste modo, enquanto tentativa de desacomodação a uma certa maneira de fazer tenta-se obter uma unidade de pensamento do projecto que não é compatível com "modas " nem com imagens pré-defenidas mentalmente.

O Programa

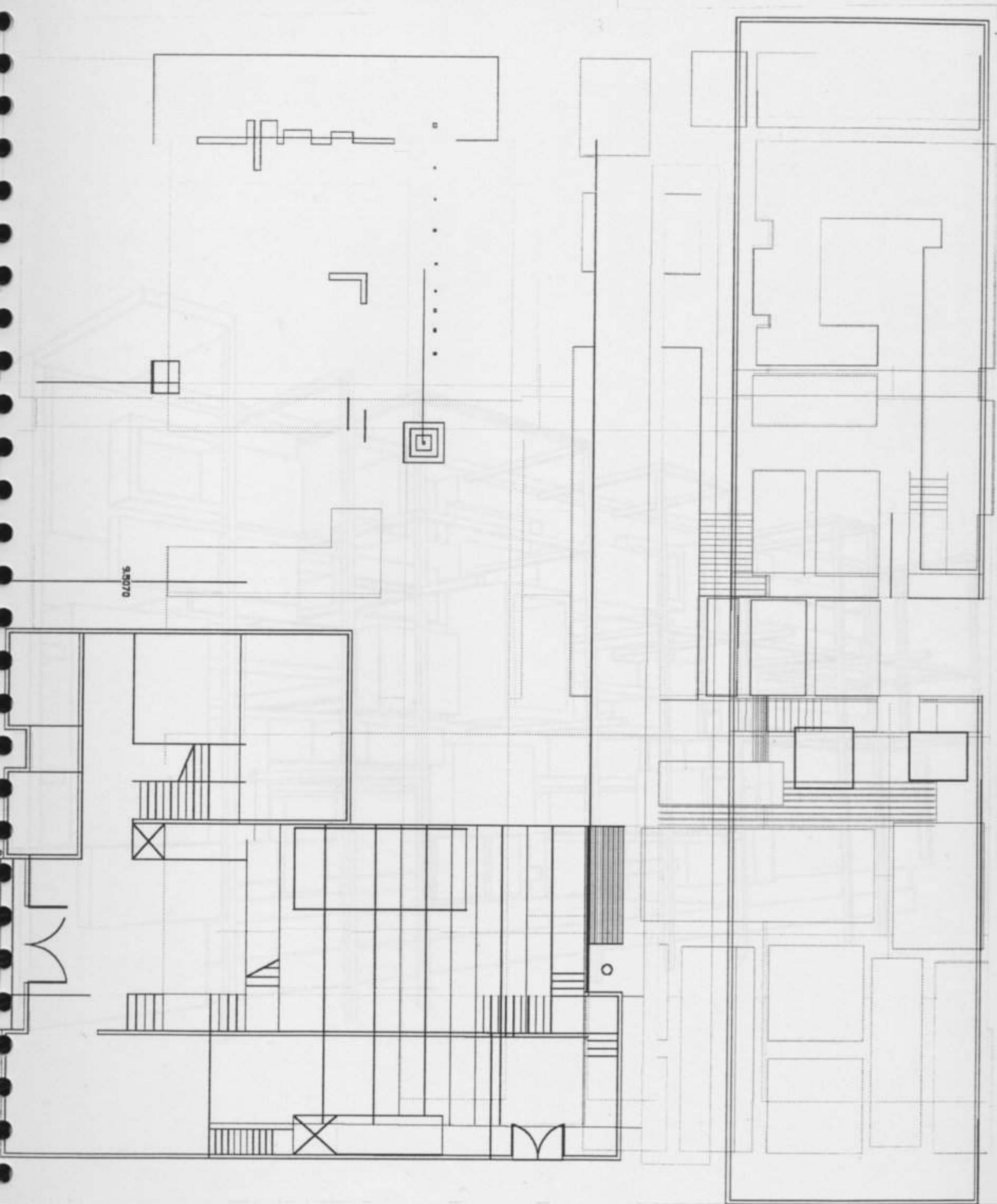
O programa funcional prevê dois edifícios separados por um jardim. Os edifícios correspondem a uma chancelaria propriamente dita com todas as funções ligadas ao normal funcionamento de uma embaixada e a uma residência do Embaixador com todos os equipamentos de apoio a recepções e a convidados. A lógica de uma embaixada é existirem estes dois espaços claramente distintos em que o desempenho dos serviços consulares não chocam com a privacidade da família e dos eventuais convidados do embaixador. As ideias fundamentais têm a ver com um momento de chegada à residência do embaixador e com uma grande sala de jantar que comunica com um jardim, que ocupa grande parte do lote. Prevê-se que haja um grande usufruto do jardim enquanto local de reunião dos convidados do embaixador.

São edifícios com hierarquias muito marcadas pela funcionalidade dos espaços em que as opções tomadas têm muito a ver com percursos de protocolo, percursos de consulado e percursos de uma residência normal.

Os alçados são consequências de relações que se espera poderem actuar como clara provocação fazendo despertar para outras realidades tão reais como a nossa, mas ao mesmo tempo tão virtuais e desprovidas de sentido.

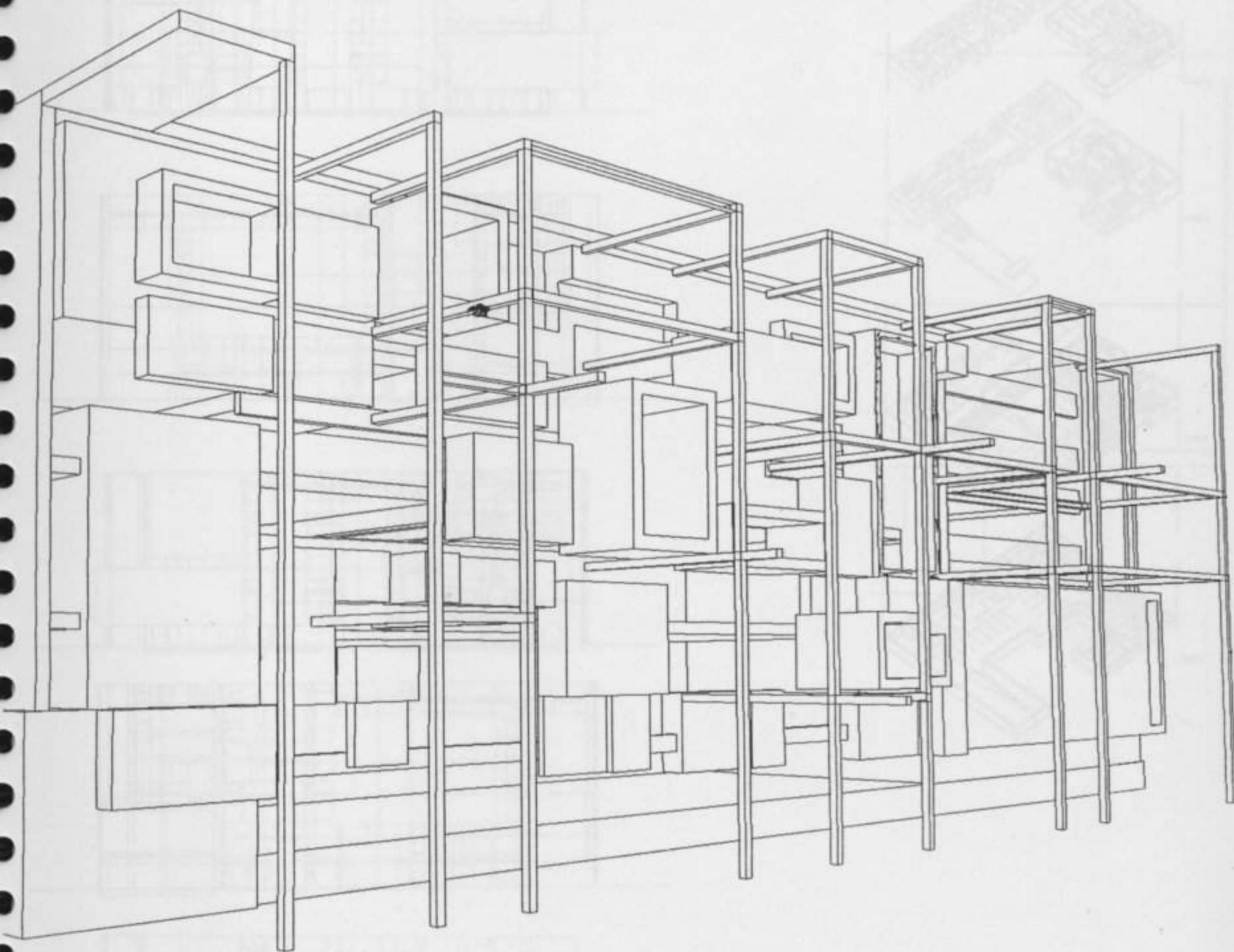


Embaixada em Berlim - apartamentos

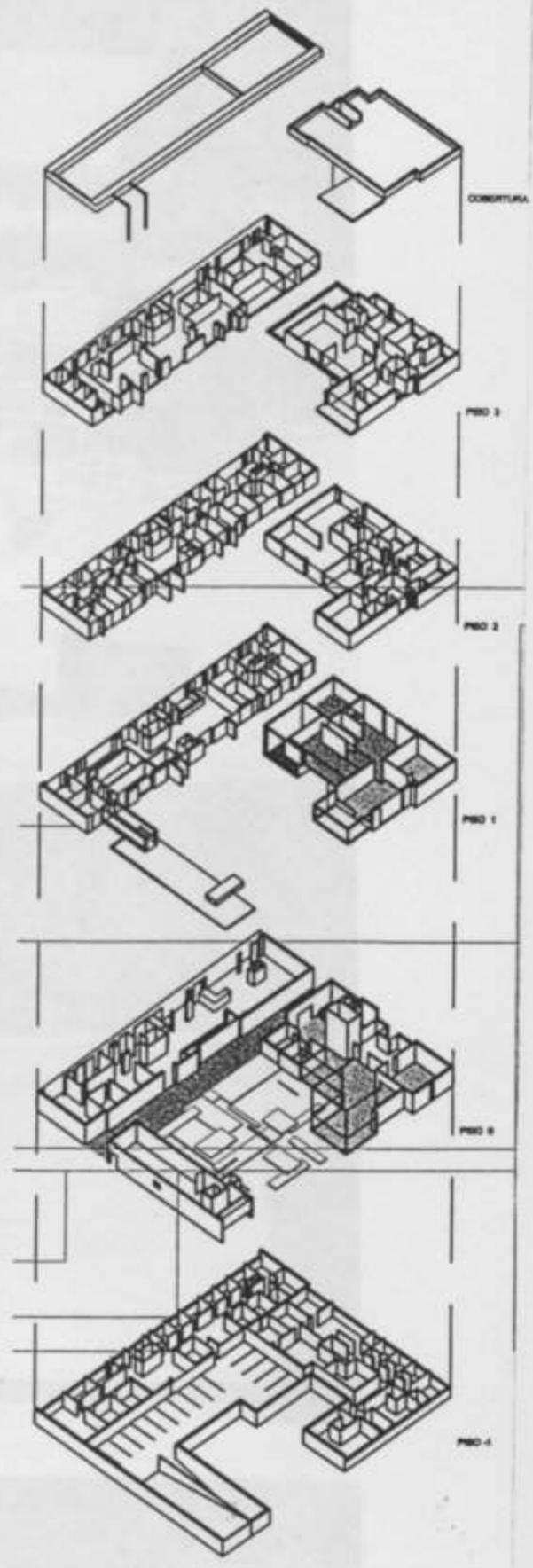
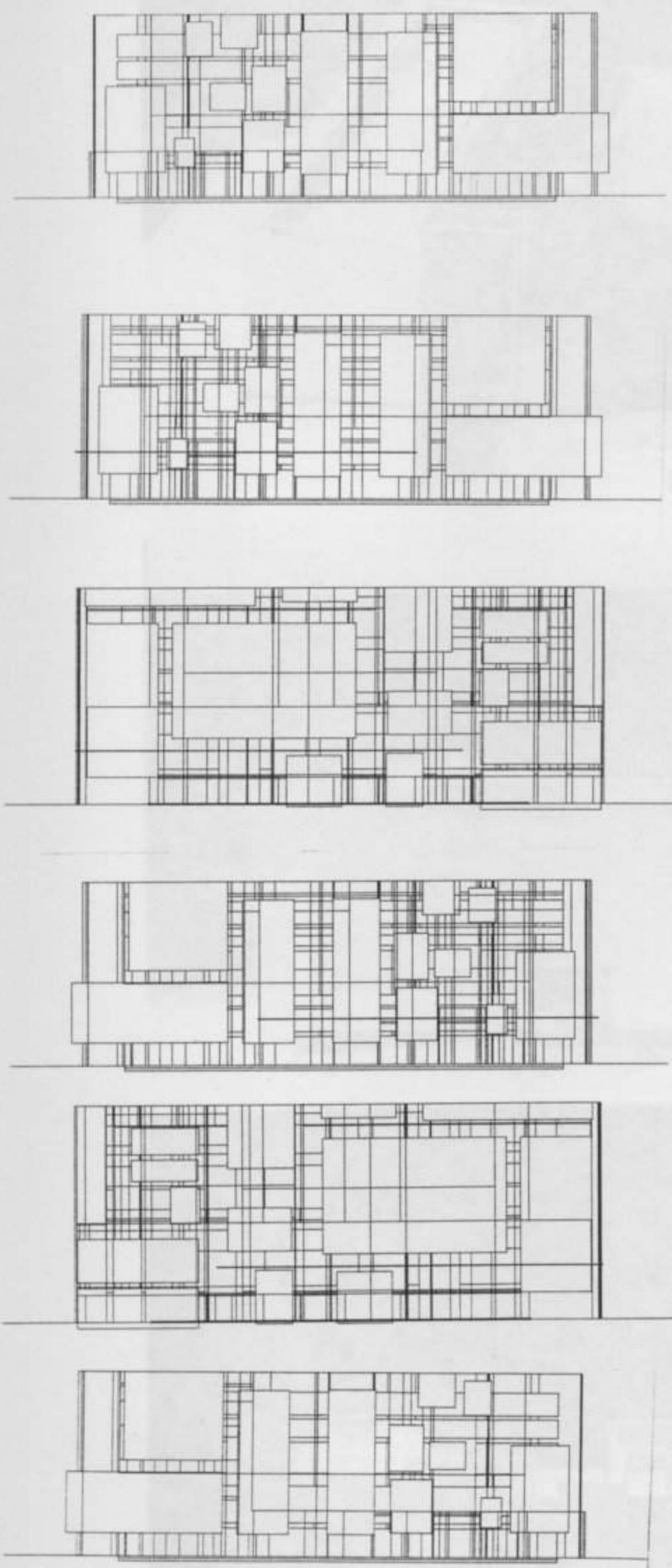


9.5070

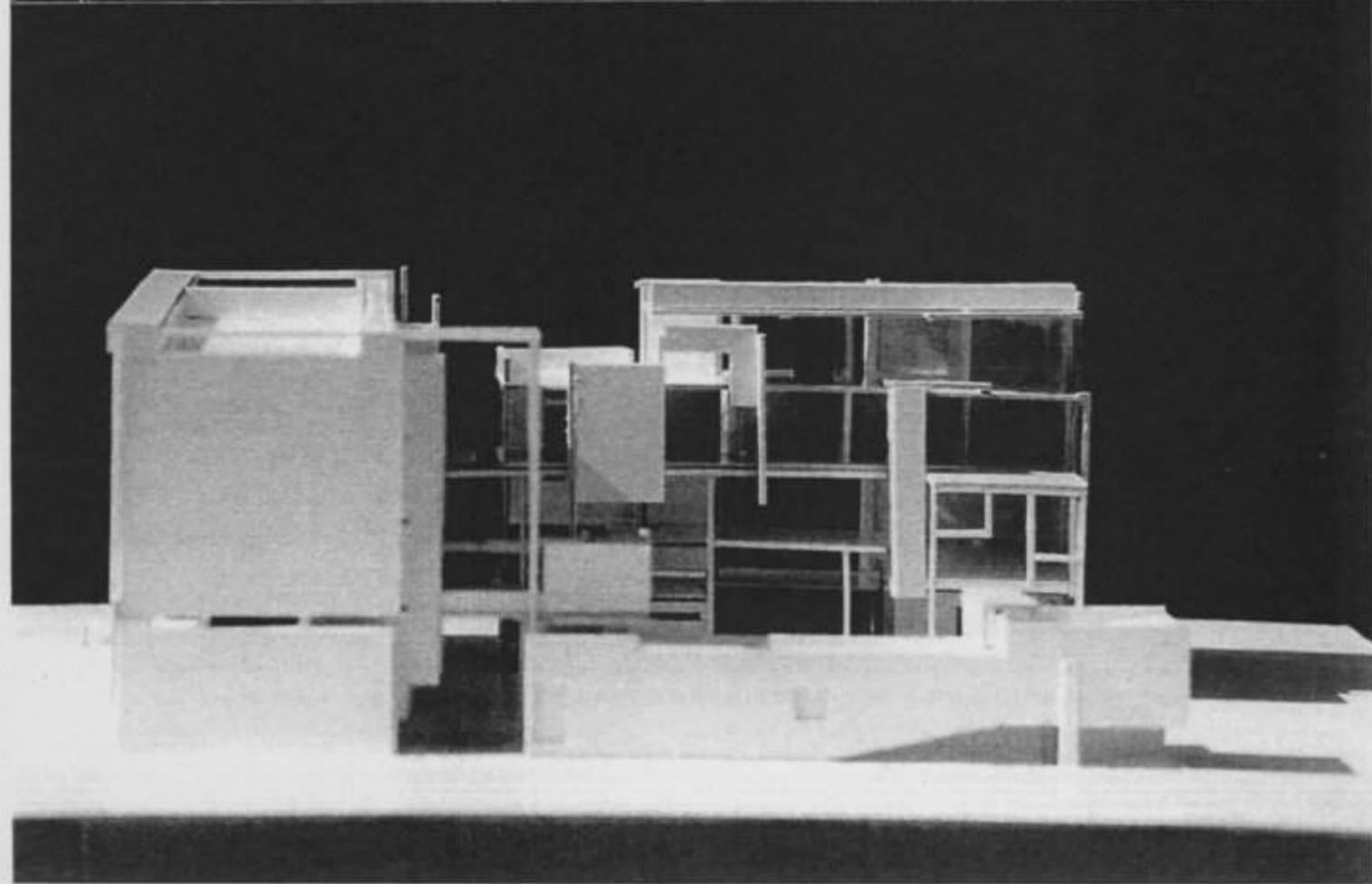
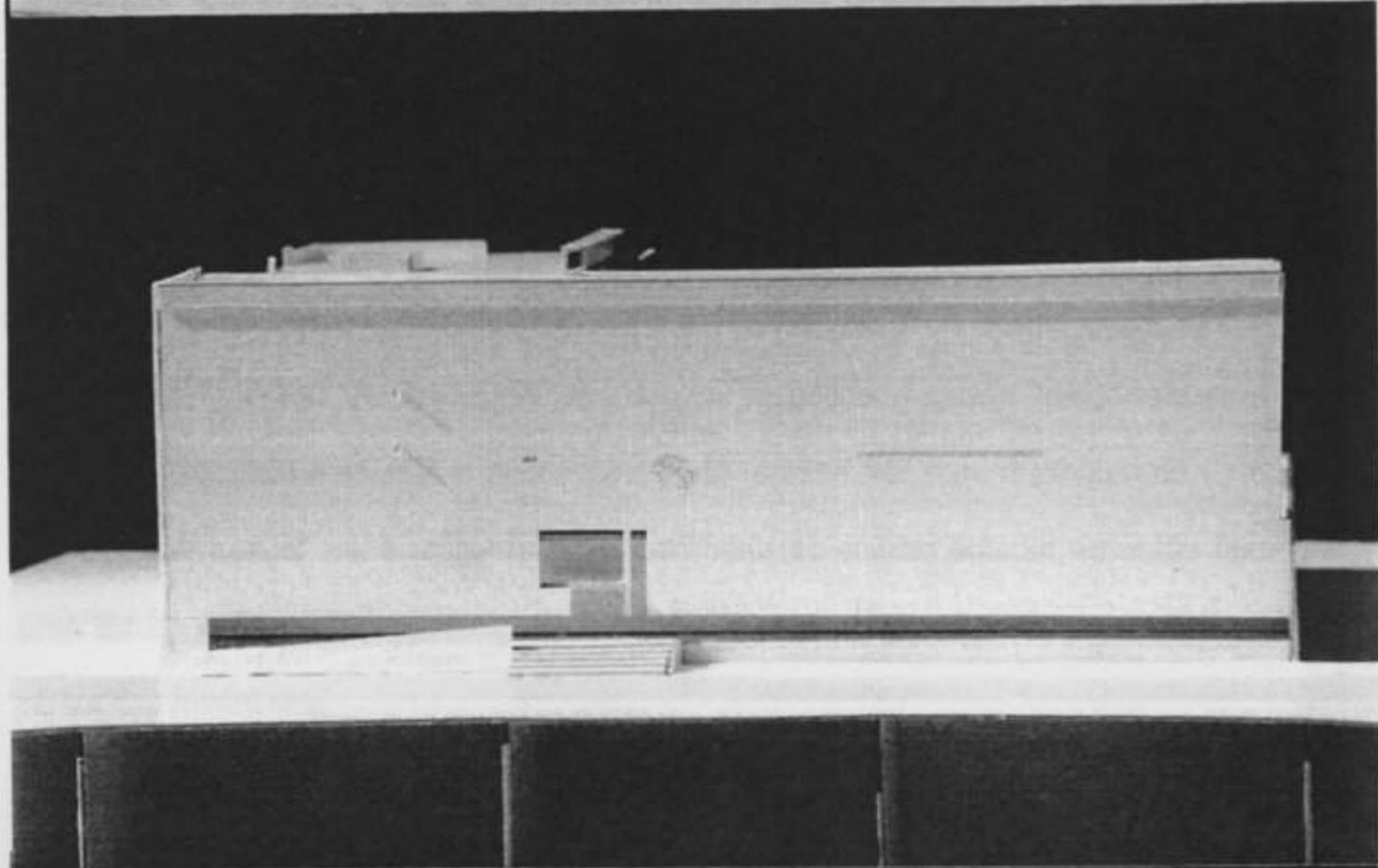
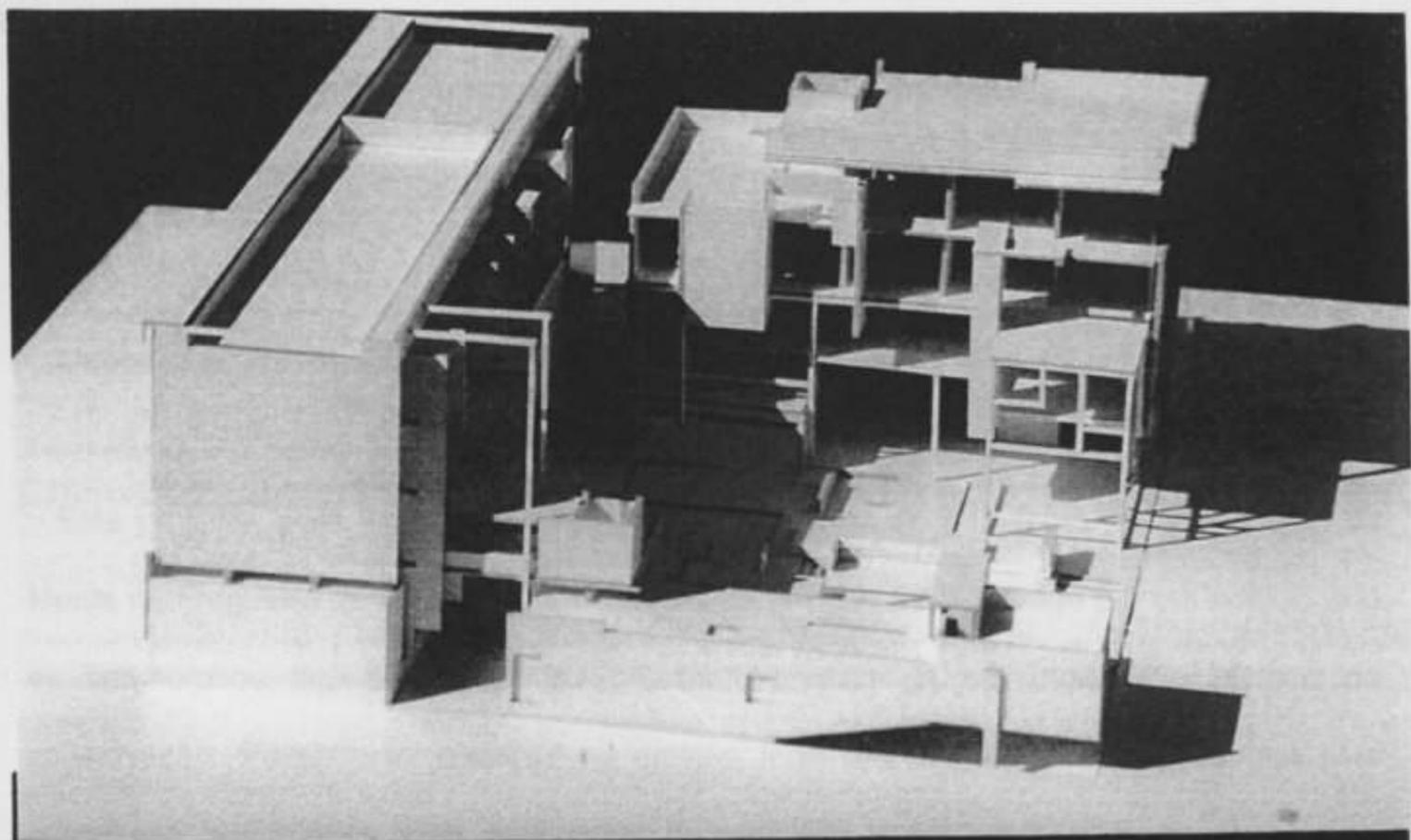
Embaixada em Berlim - apartamentos



Embaixada em Berlim - apartamentos



Embaixada em Berlim - apartamentos



Parte II

Graça - Edifício de habitação

Este projecto, para um cliente particular situa-se junto do miradouro de Nossa Sra- do Monte na Freguesia da Graça, em Lisboa. Ocupa um lote deixado vago por um edifício que se desmoronou depois das últimas chuvas, por estar já em muito mau estado de conservação. Pretende-se construir no mesmo local um edifício de habitação que seja constituído por 3 pisos mais uma cave. O programa inicial prevê a construção de dois apartamentos tipo T1 e um apartamento tipo T3, que será um duplex.

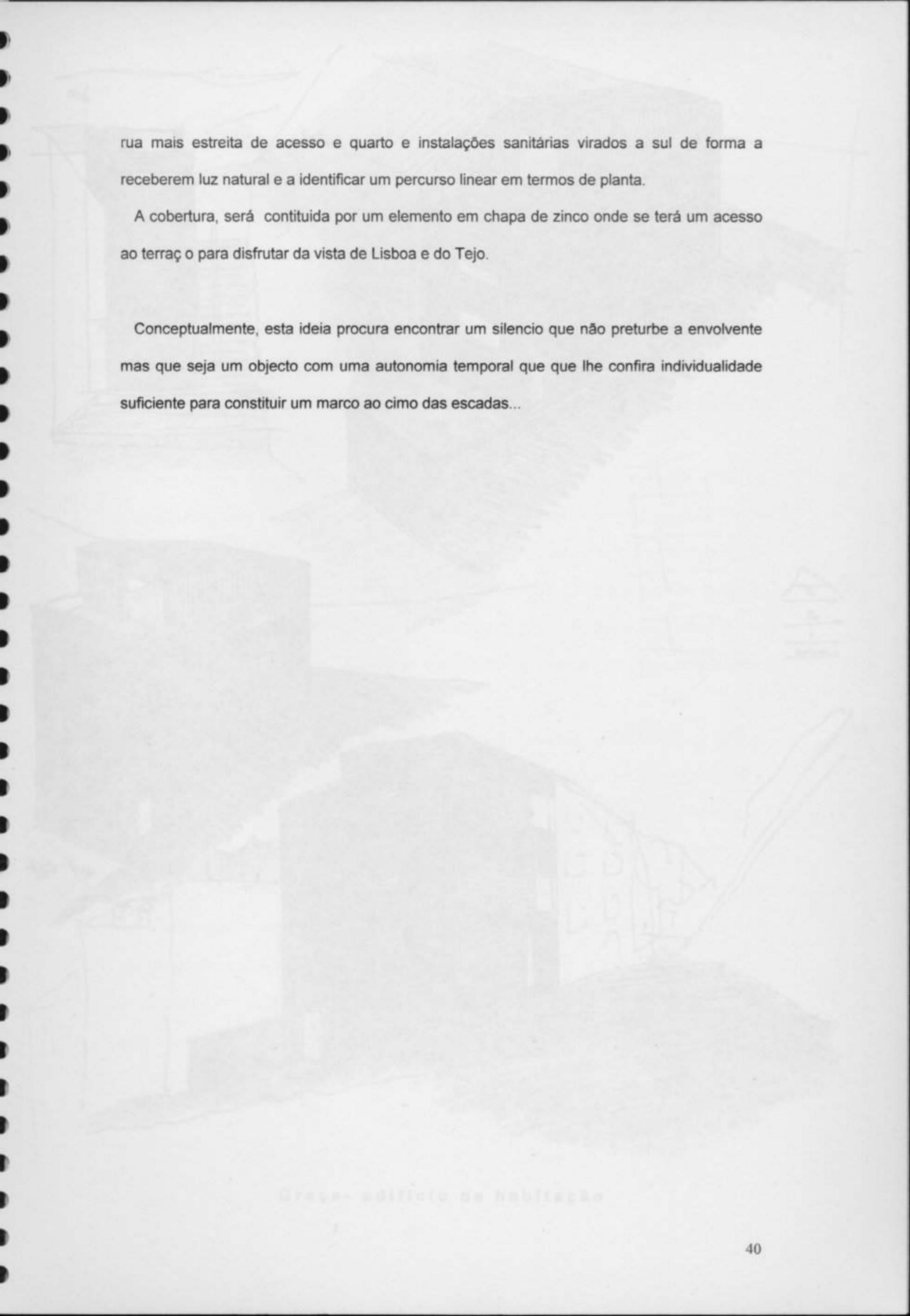
Neste tipo de bairros típicos a intervenção é bastante condicionada pela envolvente. Pode-se pensar que a solução mais evidente seria a de optar por uma reconstituição daquilo que era o edifício antigo e fazer uma abordagem respeitando quase integralmente a pré-existência. No meu entender, a abordagem pode remeter-nos para a procura de uma clara identificação com o que era sugerido pela memória do edifício anterior ou então optar por uma atitude conceptual claramente nova em que o contexto passa a ser uma referência que não exige reverência.

O edifício, situado no cimo de uma enorme escadaria vê o desenho dos seus alçados sugerido pela horizontalidade patente nos inúmeros degraus que o ladeiam.

O projecto pretende-se silencioso, que se relacione com a orientação da envolvente face às vistas que se tem de Lisboa e que consiga pela depuração identificar ritmos e relações espaciais que aparecem na estreiteza das ruelas medievais.

A envolvente projecta-se no edifício.

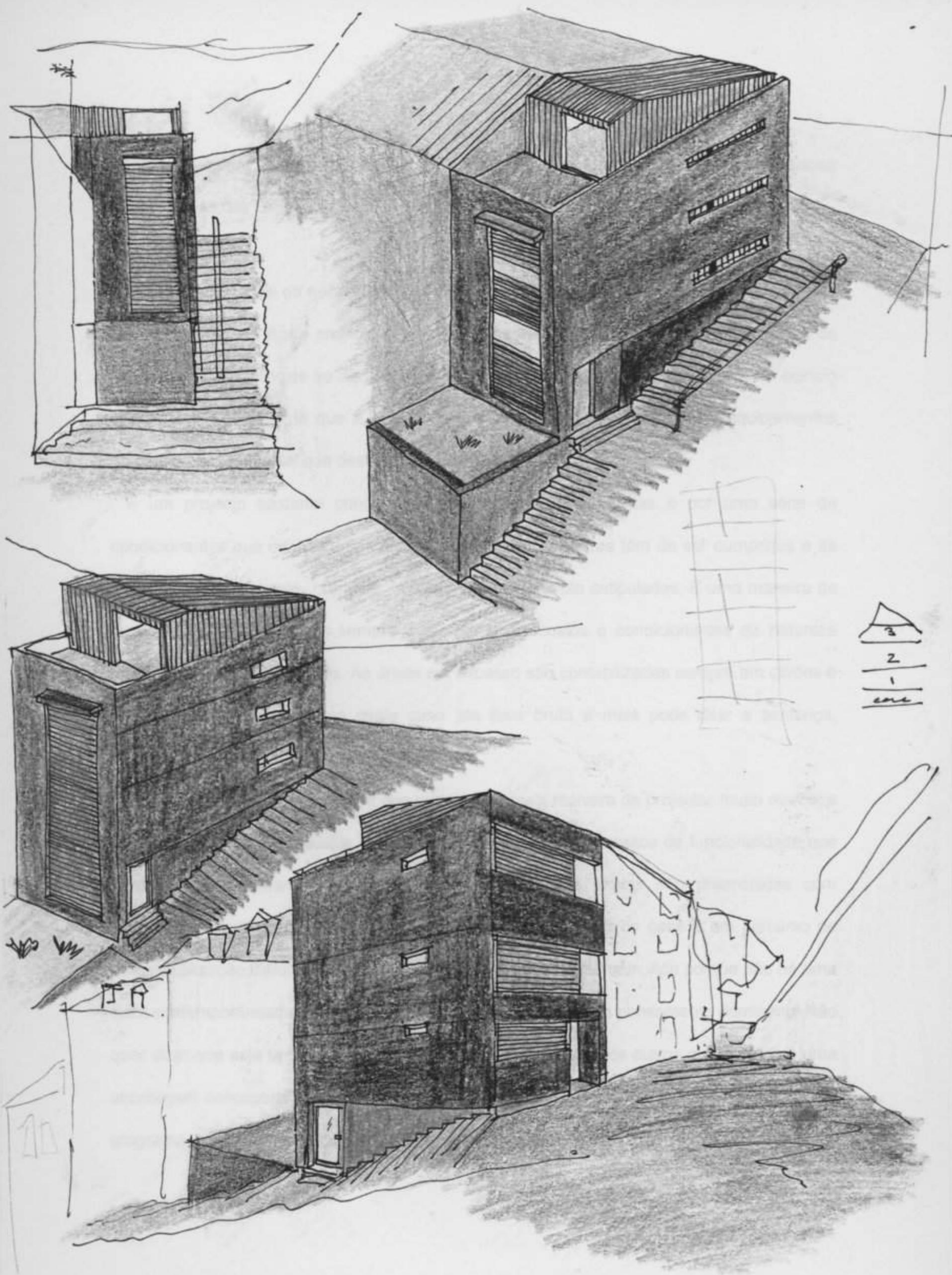
A organização interior assenta numa grande sala virada a sudoeste com vãos rasgados que serão protegidos com sombreadores horizontais, cozinha e servidos orientados para a



rua mais estreita de acesso e quarto e instalações sanitárias virados a sul de forma a receberem luz natural e a identificar um percurso linear em termos de planta.

A cobertura, será contituida por um elemento em chapa de zinco onde se terá um acesso ao terraço para disfrutar da vista de Lisboa e do Tejo.

Conceptualmente, esta ideia procura encontrar um silencio que não preturbe a envolvente mas que seja um objecto com uma autonomia temporal que que lhe confira individualidade suficiente para constituir um marco ao cimo das escadas...



Graça- edifício de habitação

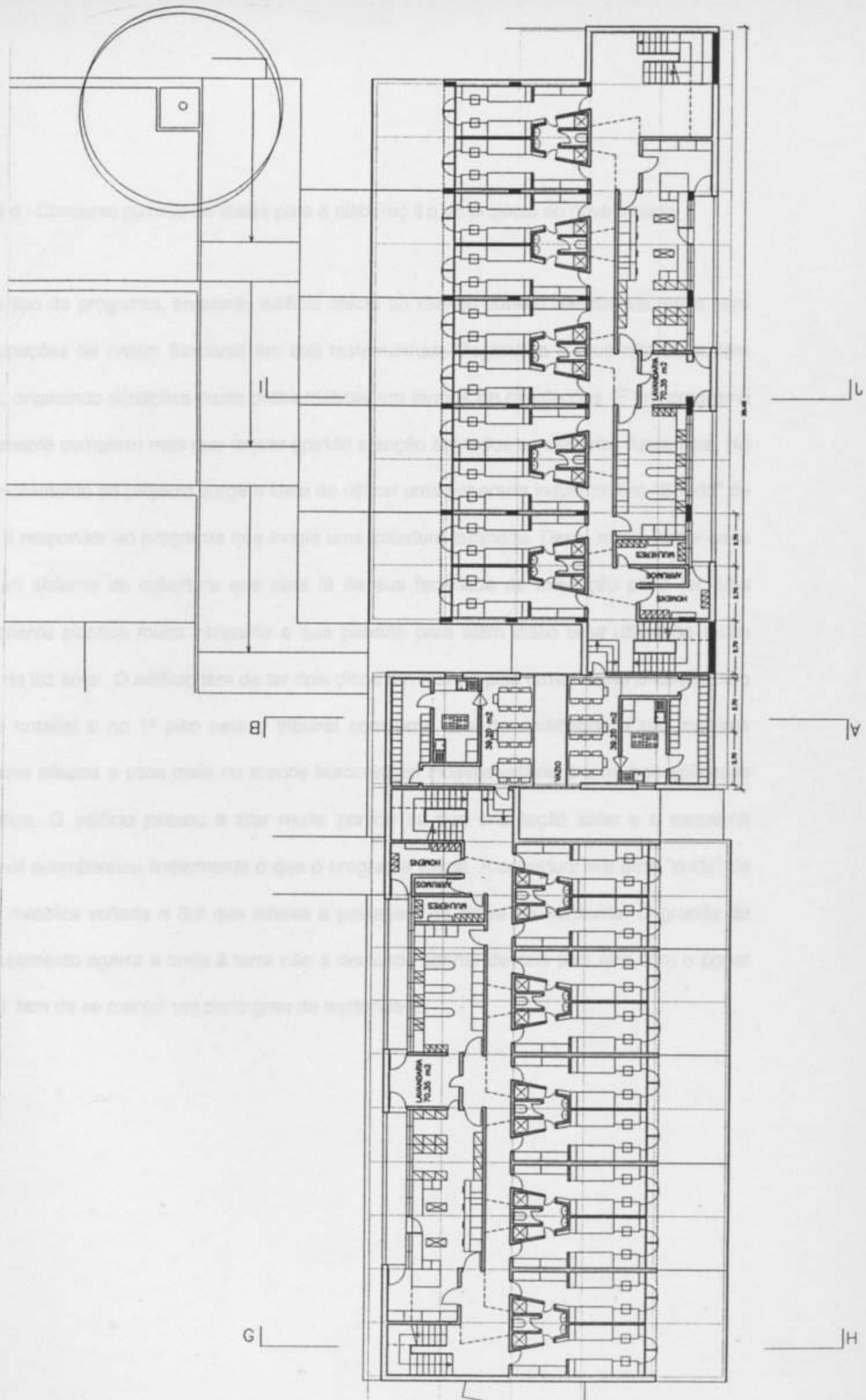


Ponta Delgada - Concurso público para a elaboração do projecto para as residências universitárias das Laranjeiras.

Este projecto surge da necessidade de albergar os estudantes da Universidade dos Açores em Ponta Delgada é um projecto que pretende recriar o ambiente de Campus em que os módulos das residências se agrupam em vários corpos que formam uma praça. O edifício vira-se para o interior já que a envolvente exterior é marcada por alguns equipamentos afectos ao uso industrial que destroem a paisagem.

É um projecto bastante condicionado por área mínimas brutas e por uma série de condicionantes que os concursos deste tipo impõem. As regras têm de ser cumpridas e as áreas de quartos, copas, cozinhas, lavandarias, etc já estão estipuladas. É uma maneira de projectar que obriga quase sempre a ter em conta custos e condicionantes de natureza burocrática que são impostos. As áreas em excesso são contabilizadas sempre em cifrões e um descuido de 6% (como neste caso)de área bruta a mais pode ditar a sentença, independentemente da qualidade do projecto.

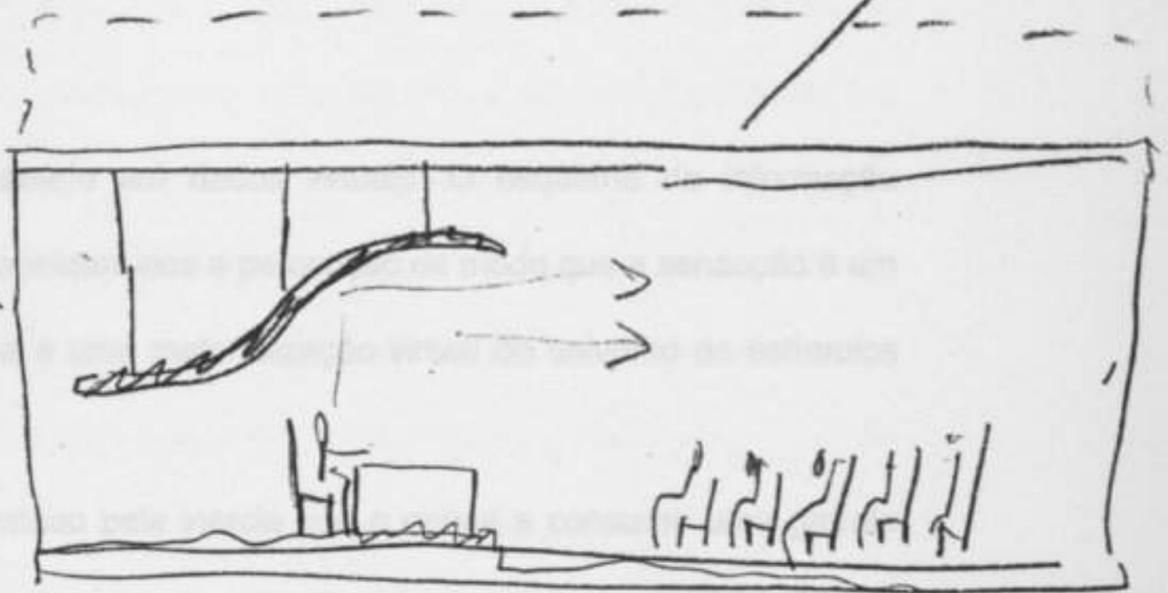
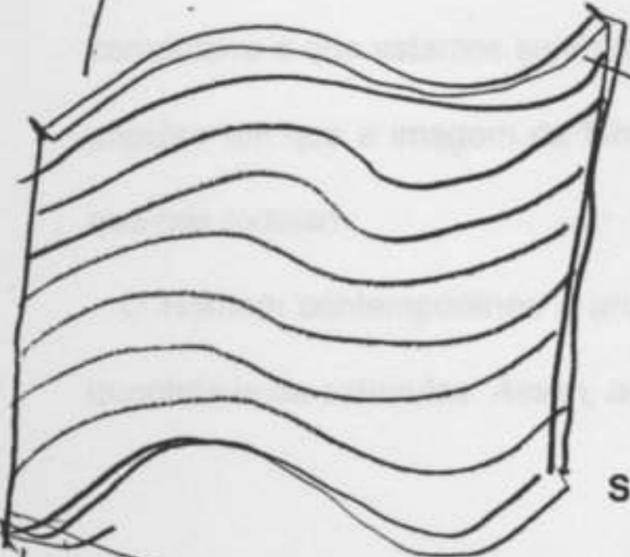
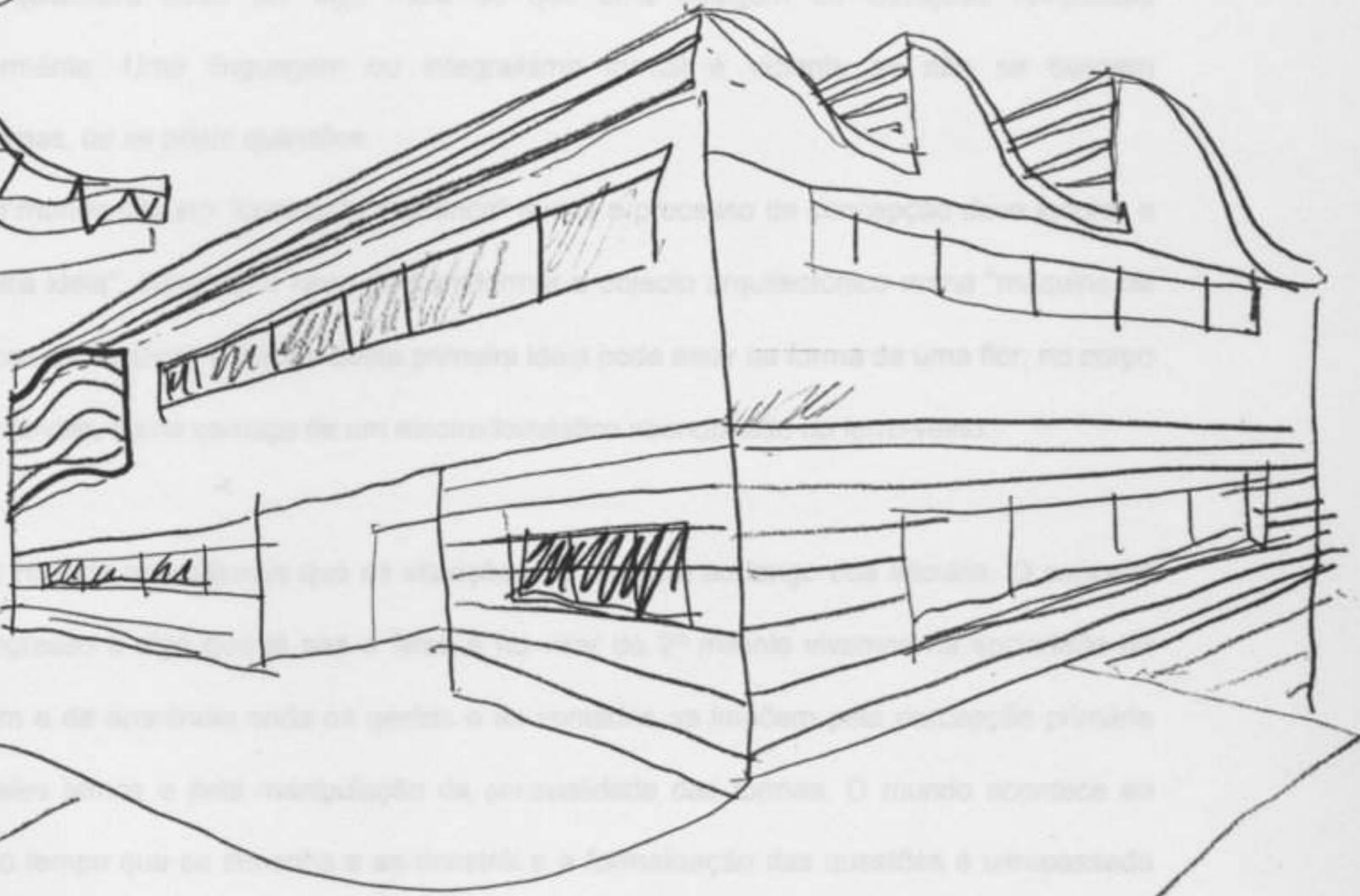
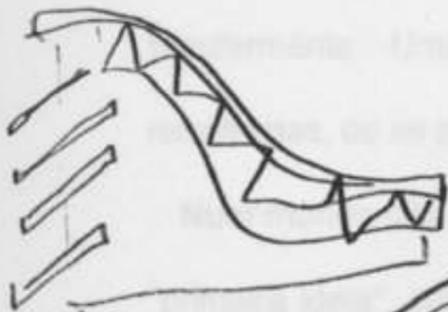
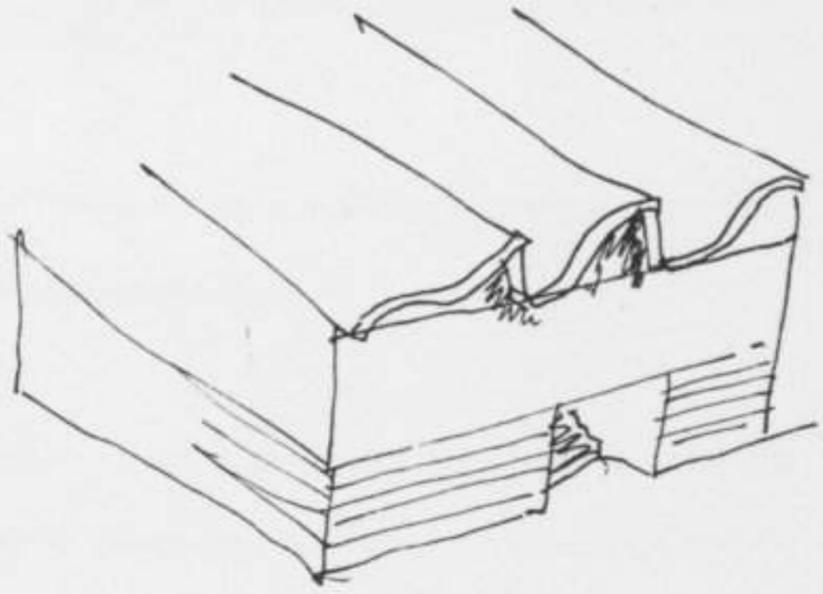
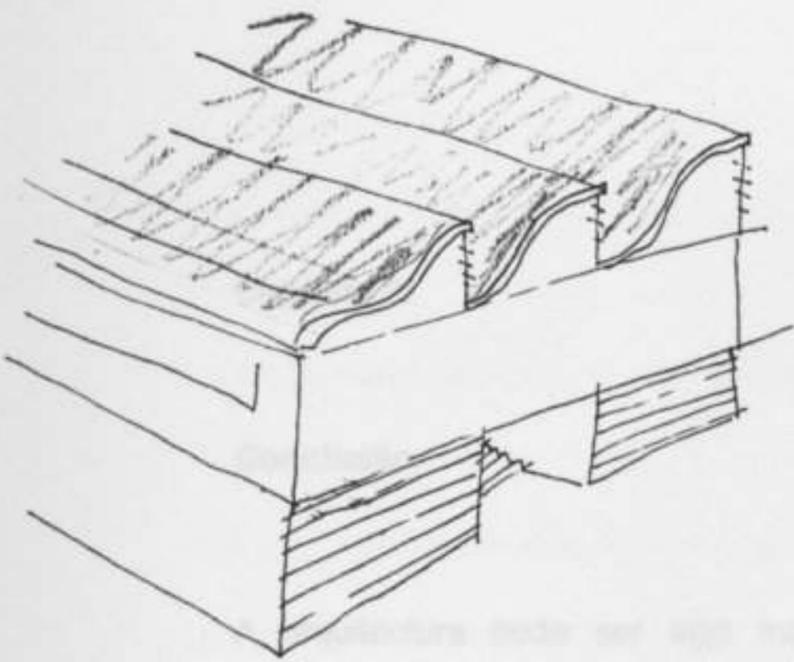
No conjunto, foi um projecto em que pude constatar a maneira de projectar muito marcada por preocupações orçamentais. A ideia inicial baseia-se em conceitos de funcionalidade que conceptualmente falando vão originando as formas que depois são preenchidas com elementos repetitivos. Isto quer dizer que não existe uma ideia de base e um percurso de conceptualização claramente identificável. É um projecto quase sem vida porque não há uma clara contemporaneidade ou uma relação intelectual com algum pensamento dominante. Não quer dizer que seja um projecto com menos qualidade do que os outros que permitem uma abordagem conceptual mais livre, é antes de mais uma maneira "eficaz" de responder a um programa. (seja qual for o significado que possamos dar a este termo).



Ponta Delgada - residências Universitárias

Satã o - Concurso público de ideias para a elaboração do projecto do novo tribunal

Este tipo de programa, enquanto edifício afecto ao serviço público remete-nos muito para preocupações de ordem funcional em que testemunhas, Magistrados e réus não se podem cruzar, originando situações muito problemáticas em termos de circulações. É um programa mediamente complexo mas que requer grande atenção em todos os aspectos funcionais. No desenvolvimento do projecto surge a ideia de utilizar uma cobertura industrial tipo "Shedd" de modo a responder ao programa que exigia uma cobertura inclinada. Deste modo poder-se-ia usar um sistema de cobertura que para lá da sua facilidade de execução pode ter uma componente plástica muito intrigante e que permite para além disso uma utilização muito eficaz da luz solar. O edifício tem de ter dois pisos em que no piso térreo estão o cartório e o registo notarial e no 1º piso está o tribunal com uma sala de audiências e uns quantos gabinetes afectos a usos mais ou menos burocráticos indispensáveis a uma boa aplicação da justiça. O edifício passou a tirar muito partido da sua orientação solar e o esquema funcional acompanhou linearmente o que o programa exigia. A cobertura era uma "onda" de chapa metálica voltada a Sul que olhava a paisagem da Serra no horizonte. O granito do embassamento agarra a onda à terra não a deixando sonhar demais pois que com o poder judicial tem de se manter um certo grau de austeridade.



Satão - tribunal

Capítulo III

Conclusão

A arquitectura pode ser algo mais do que uma colagem de situações revisitadas regularmente. Uma linguagem ou integralismo formal é viciante se não se buscam referências, ou se põem questões.

Num mundo dito em "constante mudança" nunca o processo de concepção deve ignorar a "primeira ideia", correndo o risco de transformar o objecto arquitectónico numa "máquina de provocar sensações". A ordem desta primeira ideia pode estar na forma de uma flôr, no corpo de um cavalo, ou na carcaça de um electrodoméstico abandonado no ferro-velho.

Pela História aprendemos que as situações se repetem ao longo dos séculos. O conceito de progresso é algo que já soa a falso e no virar do 2º milénio vivemos na sociedade da imagem e da aparência onde os gestos e as vontades se impõem pela percepção primária que deles temos e pela manipulação da sensualidade das formas. O mundo acontece ao mesmo tempo que se desenha e se constrói e a formalização das questões é ultrapassada pelo ritmo das dúvidas.

A percepção da realidade é baseada em dados virtuais. O esquema de informação compulsiva a que estamos sujeitos orientam-nos a percepção de modo que a sensação é um impulso em que a imagem da forma é uma materialização virtual do universo de estímulos que nos rodeiam.

O Homem contemporâneo é arrastado pela inércia que o obriga a consumir uma grande quantidade de estímulos. Assim, ao procurar os sentimentos básicos que o seu dia-a-dia não

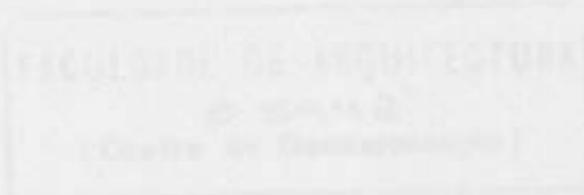
contempla o Homem é atraído pela "imagem" da forma desprovida de interpretação com base em contexto físico ou lógica instituída. É a dimensão virtual.

Para muitos as engrenagens sociais impõem uma hierarquia em vez de constituírem um modelo de igualdade. O ritmo de apreensão do construído é proporcional ao da velocidade atingida pela informação que circula numa fibra óptica e o espaço físico é povoado por ideias globais que condicionam e iniciam um pensamento de arquitectura que não é linear, nem obedece a um ritmo. A ideia de regra pode ser algo que restringe a possibilidade de reconhecer lógicas que existem sob a forma de imagens, fluxos de energia ou impulsos eléctricos.

Hoje a Humanidade tem a oportunidade de criar uma consciência colectiva do caminho que pretende seguir e é a partir desse pensamento que se dá a evolução, entendida não como uma progressão intelectual, mas como um outro desvio da percepção da realidade em que se constata que nos regemos por uma dinâmica de "realidade pré-definida" em que as fronteiras do possível e do utópico são permeáveis na medida em que para todo o conceito existe uma ideia prévia que se forma no alinhamento e filtragem de realidades distintas.

Nunca, como hoje podemos assimilar todas as regras e padrões sociais e intelectuais do planeta onde vivemos. A distância geográfica é cada vez mais um dado de importância reduzida e a padronização das referências obriga cada Homem a tentar ser diferente dos restantes e a buscar maneiras distintas de se confrontar com a realidade.

O que se pode ou não pensar, ou o que é permitido imaginar depende de factores de integração e acumulação de experiências diferentes. Quando se chega a este patamar da questão pode perder-se a necessidade de lógica enquanto "método coordenador" da ideia de um projecto. E é aqui que a referência procura uma ordem já existente que se pode encontrar numa forma antropomórfica ou numa imagem de um mecanismo.



Este modo de projectar deixando a imagem sugerir o objecto pode fazer descobrir outras dúvidas. Dúvidas de quem tem dificuldade em digerir e construir uma lógica referenciada e humanizada.

Este processo pode revelar-se fascinante ou desprovido de sentido, mas enquanto assumidamente procurado é válido e coerente de um ponto de vista de busca contínua de respostas que no decorrer da investigação passam a ser meras formalidades.

O valor de qualquer processo reside na capacidade e no desejo de tornar inteligível determinada arquitectura. A esta cabe provocar, intrigar e deixar sonhar, transformando a utopia em realidade.

Fim

José Nuno F. Marteleira

José Nuno F. Marteleira

6ºano - Arquitectura

1998

FACULDADE DE ARQUITECTURA
05942
(Centro de Documentação)

PEDRO RESSANO GARCIA
ARQUITECTO
AV. INFANTE SANTO nº 69, 4º A
1350 LISBOA
tel/fax 396 7537

Parecer do orientador

Lisboa, Março de 1998

O José Nuno Marteleira estagiou no meu atelier desde Outubro de 1997 até Março de 1998. Durante este período revelou uma boa capacidade de trabalho. Foi cumpridor demonstrando uma responsabilidade crescente face ao trabalho a decorrer no atelier.

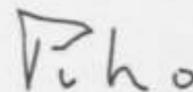
A sua experiência foi diversificada tendo colaborado em várias fases do projecto. Colaborou no projecto de execução da casa para a rua de Serralves propondo soluções técnicas e construtivas para projecto, participou na conceptualização da casa do guarda para a fazenda de São Bartolomeu e por fim participou de uma forma permanente no concurso para a Embaixada de Portugal em Berlim.

Julgo que o José Nuno tem uma boa capacidade de compreensão dos problemas relativos à prática da profissão e teve uma experiência forte do ponto de vista intelectual ao lidar com as ideias conceptuais que decorrem no meu atelier. Demonstrou interesse e vontade em compreender outros pontos de vista, e tenho curiosidade em conhecer o trabalho que irá produzir nos próximos anos.

A perspectiva do arquitecto enquanto alguém que procura dar soluções físicas aos problemas apresentados é complementada por uma posição de incompreensão da complexidade dos próprios problemas.

Existe sempre uma perplexidade perante uma parede que separa dois mundos e uma abertura que os aproxima.

O orientador



Pedro Ressano Garcia

